PELO SINAL DO ESPÍRITO SANTO

BY THE SIGN OF THE HOLY SPIRIT

Edição
Presidência do Governo Regional dos Açores
Direcção Regional da Cultura

Fotografia
José Guedes da Silva

Legendas das fotografias
José Meneses Gregório (da Irmandade do Divino Espírito Santo da Vila Nova)

Textos
DSBPAC/Antonieta Costa - Emanuel Félix - Hélder Fonseca - Mário Cabral

Tradução
ISAI – Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes (restantes textos)
Valter Manuel Peres Almeida (texto e nota biográfica de Mário Cabral)

Revisão
DSBPAC/Antonieta Costa - Hélder Fonseca - Mário Cabral - Valter Manuel Peres Almeida

Execução gráfica e impressão
PunkteArt, Produções Gráficas

Tiragem 1500 exemplares

ISBN 978-972-647-206-3

Depósito Legal 257853/07

Data Agosto 2007

Catalogação Proposta
AÇORES. Presidência do Governo Regional dos Açores. Direcção Regional da Cultura
Pelo sinal do Espírito Santo / Presidência do Governo Regional dos Açores, Direcção Regional da Cultura; fotografia José Guedes da Silva; textos Antonieta Costa [et al.]; trad. Valter Almeida, Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes; rev. Hélder Fonseca... [et al.]. – [Angra do Heroísmo]: DRC, 2007. – 120 p. : il.; 22,5 cm
ISBN 978-972-647-206-3 (BROCHADO)
Espírito Santo nos Açores (Portugal) – Vida social e costumes
Fotografia artística
CDU 77.04
CDU394.4(469.92)
CDU 231.1/.3

Publisher
Presidency of the Azores Regional Government
Regional Board of Culture

Photography
José Guedes da Silva

Captions to photographs
José Meneses Gregório (of the Vila Nova Divine Holy Spirit Brotherhood)

Texts
DSBPAC/Antonieta Costa - Emanuel Félix - Hélder Fonseca - Mário Cabral

Translations
ISAI – Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes (remaining texts)
Valter Manuel Peres Almeida (Mário Cabral's text and biography)

Proof reading
DSBPAC/Antonieta Costa - Hélder Fonseca - Mário Cabral - Valter Manuel Peres Almeida

Printing and Publishing
PunkteArt, Produções Gráficas

Print run 1500 copies

ISBN 978-972-647-206-3

Legal Deposition 257853/07

Date August 2007

Proposed Cataloguing
AZORES. Presidency of the Azores Regional Government. Regional Board of Culture
By the Sign of the Holy Spirit / Presidency of the Azores Regional Government. Regional Board of Culture; photography José Guedes da Silva; texts Antonieta Costa [et al.]; trans. Valter Almeida, Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes; proofreading Hélder Fonseca... [et al.]. – [Angra do Heroísmo]: DRC, 2007. – 120 p. : il.; 22,5 cm
ISBN 972-647-206-7 (PAPERBACK)
The Holy Spirit in the Azores (Portugal) – Social Life and Customs
Artistic Photography
CDU 77.04
CDU394.4(469.92)
CDU 231.1/.3

Ao estabelecer a Segunda-feira do Espírito Santo como Dia dos Açores, assentou-se em que a Região era herdeira de um património simbólico e imaterial, que lhe empresta coesão, coerência e harmonia.

De facto, as festividades do Espírito Santo consubstanciam o nosso imaginário popular, pois constituem um acto social de participação, de gregarismo e de identificação. Nestas celebrações coincidentes, os Açorianos revisitam um inestimável tesouro que é transmitido de geração em geração, como uma pertença colectiva, e que sempre nos permitiu delinear utopias, espaços de fraternidade e campos de solidariedade. Afinal, são esses impulsos que idealizam o projecto autonómico açoriano e que carregam de energias as motivações políticas intrínsecas do nosso Povo. Por isso, mesmo quando confrontados com dúvidas ou com a sazonalidade natural dos desânimos, devemos recorrer àquelas raízes para insuflar o nosso desejo de bem conduzir o nosso destino.

Ao escolher a Segunda-feira do Espírito Santo como Dia da Região, os Açorianos afirmam altivamente as criaturas supremas que pisam o solo das ilhas, e oficializam rituais de fertilidade e liturgias de abundância, santificando a prodigalidade das nossas terras. Mas é o povo que é o centro, a razão e a causa desta celebração, em que se promete um futuro de prosperidade num presente sempre eivado de esperança.

Assim, os festejos do Espírito Santo, na tradição açoriana, envolvem, indubitavelmente, um compromisso social e vão urdindo um legado de liberdade, de rejuvenescimento e de abundância equitativamente distribuída, através do pão, do vinho e da carne – elementos substanciais e simbólicos das bênçãos terrenas.

O culto do Espírito Santo desenvolve pois, um projecto de regularidade social por virtude da vontade ascensional do Homem Açoriano: invocando o criador, a criatura transforma-se em senhor do destino de uma comunidade; o servo de Deus recebe a coroa do poder; o pobre requer a abundância; o miúdo empunha o ceptro do mando; o servidor é ungido como imperador; e assim se restaura a igualdade entre os homens fraternos; e assim, ano após ano, se renova a confiança na vida.

Carlos Manuel Martins do Vale César

Presidente do Governo Regional dos Açores

The establishing of the Monday of the Holy Spirit as Azores Day is based on the fact that the region is the heir of an ethereal and symbolic heritage to which it brings cohesion, coherence and harmony.

In fact, the Holy Spirit festivities unite our popular imagination, since they consist of a social act of participation, gregariousness and identification. In the coinciding celebrations, the Azoreans revisit an inestimable treasure trove which is handed down from generation to generation as a collective ownership, and which has always allowed us to delineate utopias, spaces of fraternity and areas of solidarity. Finally, it is these urges which idealise the autonomous Azorean project and which inform the intrinsic political motivations of our people. As a result, even when confronted with doubts or the natural seasonality of a lack of motivation, we should turn to these roots to inflame our desire and guide our destiny.

By Choosing Monday of the Holy Spirit as Regional Day, the Azoreans are haughtily affirming to the supreme creatures that tread the islands' soil, and officiate fertility rituals and liturgies of abundance, sanctification and prodigality of our lands. But it is the people that are the centre, the reason and the cause of this celebration, in which a prosperous future is promised in a present full of dashed hope.

Thus, the feast of the Holy Spirit, in the Azorean tradition, undoubtedly involve a social compromise and contrive a legacy of liberty, renewal and an equally-distributed abundance of bread, wine and meat – symbolic and substantial elements of earthly blessings.

The cult of the Holy Spirit therefore develops as a project of social regulation by virtue of the upward looking will of the Azorean Man: invoking the creator, the creature is transformed into a lord of the community's destiny; the servant of God receives the crown of power; the poor call for abundance; the child holds the sceptre of order; the server is proclaimed emperor; and thus equality is restored amongst brotherly men; and thus, year after year, confidence in life is renewed.

Carlos Manuel Martins do Vale César

President of The Azores Regional Government

As festividades do Espírito Santo, estão envolvidas por uma poética vívida, comungante, constituindo um acto social de participação, de catarse comunitária, de compromisso aceite.

Nessas festividades, acumulam-se heranças cuja transmissão é de difícil destrinça – decerto provirão de ideais franciscanos e de previsões jaquimitas; por certo, com balizas cartesianas, terão contribuído para a construção da cidade ideal dos socialistas utópicos do séc. XVIII; poderão recuar até ao tempo em que os deuses desciam do Olimpo – de um olimpo qualquer – e se misturavam com os homens; de um tempo em que os homens se juntavam aos animais com uma fraternidade solidária (e, agora, religiosamente, ecológica). E todos – deuses, homens, animais e plantas – submetidos aos astros, deixando-se conduzir pelo sopro do ar, pelas correntes das águas, pelas fumigações da terra, pelas sudações do fogo; cumprindo todos a caminhada sazonal das auroras, dos dias, dos crepúsculos, das noites.

Tudo é, pois, desde há muito, divino, porque o Homem incendeia de crispações poéticas todas as suas obras, sobretudo os actos de ocupação do chão que o sustenta, principalmente as acções de sacrifício que cumpre para a perpetuação da vida. Todos sempre fomos pagãos, rasteiros e bestiais, bichos-da-terra que a inteligência não moderou, selvagens conscientes e orgulhosos da nossa selvajaria sem remissão. Tudo, então, neste ponto de vista, é santo e, num panteísmo orgiático de palavras e de sangue, mergulhamos nossos passos nas águas da vida, ensopamos nossos pés na lama prestimosa, poluímos os ares com o verbo da difamação, queimamos nossos corpos no fogo da expiação da existência.

Não é pois de estranhar que o clero ande arredio das festividades do Espírito Santo e que parte significativa dos seus ritos ocorra num templo diferente, normalmente em frente ou ao lado da igreja paroquial, e em que a sacristia é substituída pela despensa, e em que a frugalidade da hóstia dê lugar à abundância do pão, da carne e do vinho - três elementos substanciais da mitologia cristã.

Assim, as festas do Espírito Santo são, naturalmente, manifestações subversivas, porque transgridem, ainda que transitoriamente, as ordens sociais, colocando o povo no centro de uma liturgia.

Não será, propriamente, uma revolução..., mas será apenas um rito de purificação, somente um rito de pacificação social?

O que é facto é que as festas do Espírito Santo, na tradição mais pura do compromisso social, anunciam um reino de igualdade, de amor, de liberdade, de remoçamento, de prodigalidade e de abundância justamente (equitativamente) repartida.

O culto do Espírito santo não é mais, pois, que um rito de fecundação e de renovação, através dos quais a Terra e o Céu se unem pela vontade ascensional do Homem.

Acontece, porém, que, por vezes, são transpostos alguns contornos da condição humana para o esboço do divino e, por isso, corre por aí que o Espírito Santo é muito vingativo.

Com efeito, os relatos populares orais, que atestam as iras do Espírito, que, sendo Santo, nessa qualidade e condição, se assemelha aos outros santos que povoam a corte celeste, isto é, com corpo talhado no modelo zoomórfico, como pomba, ficando, todavia, na hagiologia como Senhor – o Senhor Espírito Santo. E, se tem penas, peito em quilha, ossos com ar, isso serve, obviamente, para voar e para ter uma visão aérea do que se passa cá em baixo, ao rés da terra, ordenando o cumprimento da felicidade dos homens viventes.

Trata-se, pois, de uma religião da terra, com uma liturgia em que entra carne e sangue, pão e vinho, e contrariando, de algum modo, as promessas de felicidade futura e post-mortem da igreja defronte.

Venera-se um animal – a pomba; sacrifica-se um animal – o bezerro; festeja-se a alacridade da vida pela fartura de comer e de beber – carniça, vinhaça e panzoada ao deus-dará; envolve-se tudo isto com júbilo e música; adora-se o pássaro fecundador da virgem.

Subverte-se, assim, a ordem piramidal e é restaurada a primitiva equidade dos homens.

Quem, pois, nestas circunstâncias, se atreverá a injuriar o Espírito Santo? Quem ousará o incumprimento das devoções? Quem desafiará este Deus que restitui a prodigalidade da vida, em cada ano preparada e prometida aos homens fraternais? Quem destroçará este apego das criaturas aos ventos, às águas, aos campos e aos fogos – que podem aniquilar mas que também renovam, sazonalmente, as esperanças da felicidade?

Vasco Pereira da Costa

Director Regional da Cultura

The Holy Spirit festivities are shrouded with a communicative, living poetry and make up a social act of participation, social catharsis and acceptance.

These festivities bring together elements whose heritage is difficult to specify – certainly coming from Franciscan ideals and jaqimitas previsions; without a doubt Cartesian goals would have contributed to the construction of an ideal city of 18th century socialist utopias as; we could even go back to the time when the gods descended from Olympus – or any Olympus – and mingled with men; or a time when men looked on animals as a fraternity of solidarity (which is now religiously ecological), And everything – gods, men, animals and plants – were submissive to the cosmos, being carried away by a gust of wind, by the tides, by the movements of the earth, by the sweating of fire; all following the seasonal path of dawns, days, twilights and nights.

Everything is and always has been divine because Man has lit all the poetic crispations of his works, above all the acts of occupying the land which is based principally in acts of sacrifice undertaken to perpetuate life. We have always been bestial, abject pagans, creatures of the earth that intelligence did not moderate, conscious savages and unrelentingly proud of our savagery. Therefore, everything, from this point of view, is holy and in an orgiastic pantheism of words and blood, we dive into the waters of life, we soak our feet in serviceable mud, we pollute the air with defamatory words, we burn our bodies in the fire of the expiation of existence.

Therefore, it is not strange that the clergy are more aloof during the festivities of the Holy Spirit and that a significant part of their rites take place in a different temple, normally in front of our beside the parish church and that the sacristy is substituted by the pantry and in which the frugality of the host is replaced by an abundance of bread, meat and wine – three substantial elements in Christian mythology.

As a result, the feasts of the Holy Spirit are, naturally, subversive demonstrations, because they transgress, albeit transitorily, social order, by placing the people at the centre of a liturgy.

Is it not exactly a revolution..., but merely a rite of purification, simply a rite of social pacification?

What is true is that the feasts of the Holy Spirit, in the purest tradition of social compromise, declare a kingdom of equality, love, liberty, rejuvenation, prodigality and of abundance justly (equally) shared.

The cult of the Holy Spirit is thus no more than a rite of fertility and renovation, through which Heaven and Earth are united through the ascensional will of Man.

It does happen, however, that sometimes some outlines of the human condition are brought to this sketch of the divine, which means that the Holy Spirit can be vindictive.

In effect, popular oral accounts, which attest to the Spirit's ire, state that, being Holy in its quality and condition, it is similar to other holy entities that populate the celestial. That is to say with a

body based on a zoomorphic model, like a dove, remaining, nevertheless, in haliology as the Divine – the Divine Holy Spirit. And, if its has feathers, a keel-like chest and air-filled bones, this obviously serves to fly and to have an aerial vision of what is going on below, the culprits on earth, ordering the fulfilment of happiness of living men.

We are dealing, therefore, with a religion of the earth, with a liturgy in which flesh and blood, bread and wine and, contrarily to a certain extent, with promises of future happiness and a post-mortem of the current church.

An animal is venerated- the dove; an animal is sacrificed – the calf; the alacrity of life is celebrated through food and drink – meat, wine and bread to the given-god; all of this involves jubilation and music: the virgin fertility of the bird is worshipped.

In this way the pyramidal order is inverted and the primitive equity of men is restored.

Therefore, who would, in these circumstances, dare to harm the Holy Spirit? Who would challenge the rule-breaking of the devotions? Who would challenge this God that has given back the prodigality of life, which is prepared and promised to brotherly men each year? Who would destroy this fondness of creatures thrown to the winds, to the waters, to the fields and fires – which can annihilate but also renovate, seasonally, the hopes of happiness?

Vasco Pereira da Costa

Regional Director of Culture

O Culto do Espírito Santo
Elementos identitários e sua natureza ancestral

Antonieta Costa
Angra do Heroísmo, 1 de Fevereiro de 2006

Recorrendo a vários tipos de análise, verificou-se ser possível extrair informação pertinente sobre o passado subjacente ao ritual do Culto do Espírito Santo, muito embora se tratasse de ritos anteriores à fase Cristã. Esta possibilidade deve-se às fortes marcas desse passado e à sua essência, que ficaram gravadas e ainda permanecem nas práticas de hoje.

O método aplicado é exequível não só devido à permanência desses aspectos que, embora multimilenários e pré-cristãos, têm sido conservados, mas também porque estes se apresentam como nucleares nas práticas actuais do Culto, mantendo implícitos muito dos seus sentidos[1].

Assim, comparando as marcas ainda presentes, com outras formas de relacionamento com o sagrado, provenientes de arquétipos e mitologias transversais à Europa do período Neolítico, encontra-se um conjunto de semelhanças que poderá autorizar a hipótese de uma ser génese da outra. Emergentes em testemunhos arqueológicos, tradições orais e investigação etnográfica em decurso, estas semelhanças são um auxiliar precioso no desvendar de determinados aspectos do Culto, incompreensíveis, se analisados pela lógica actual. Colocando uns em confronto com os outros, foi possível a obtenção de um *corpus* significativo, a utilizar para comparação, o qual se expressa predominantemente na dialéctica *Ancestralidade* vs. *Modernidade*.

Todo o desenrolar do Culto parece resultar de um permanente diálogo entre estes dois factores, um pouco impenetrável à visão actual, dado o seu arcaísmo e também à linguagem gestual utilizada.

Por outro lado, o conteúdo filosófico do Culto consta de uma amálgama onde foram incorporados vários ideais das épocas que atravessou, do Hebraísmo ao exoterismo dos Templários, por exemplo, que, pela complexidade ideológica envolvida, dificultam uma leitura linear. Mas uma dimensão coerente do Culto aparece revelada pelos factores *Ancestralidade – Modernidade*, pelo que os mesmos passam a servir de fio condutor à interpretação aqui pretendida.

1. A natureza ancestral
2. A natureza progressista

[1] Estes sentidos foram objecto de estudo a partir de uma base de dados constituída por "estórias de Milagres do Espírito Santo", parte da Tese de doutoramento da autora.

1. Referentes à primeira variante, a *ancestral*, foram identificados e isolados no Culto quatro factores que se apresentam como indicadores da presença da velha mitologia agrária Europeia e que, simultaneamente, se diferenciam das actuais práticas Católicas:

a) A natureza compulsiva das dádivas
b) As funções e características dos Templos.
c) O elevado estatuto atribuído à mulher, nas cerimónias de carácter religioso.
d) As refeições comunais, tidas como formas de comportamento religioso.

Aprofundando a relação que parece existir entre a natureza destes elementos isolados e os rituais das mitologias agrárias do passado, foi apreendida uma racionalidade que se expressa nos seguintes exemplos:

a) A natureza compulsiva das dádivas

Considerando os comportamentos relacionados com o que no Culto é designado como "Promessa"[2], e que parece implicar o entendimento de uma certa obrigatoriedade, proveniente do passado (e/ou do subconsciente), quanto à oferta (sacrifício) de uma variedade de alimentos a uma divindade (ou em seu nome, a outros), este rito, pelas características de que se reveste, pode ser comparado à oferta das *Primitiae* sacrificiais.

O ritual das *Primícias* consistia num acto obrigatório, caracterizado como "sacrifício" (mas que na realidade funcionava como "contrato"), estabelecido entre as populações agrárias da Europa Neolítica e a sua Deusa da Terra[3], à qual as populações entregavam (sacrificavam) os primeiros frutos e animais. Este comportamento tinha por base a crença de que toda a vida (animal ou vegetal) pertencia por direito próprio à Terra em primeira-mão, e só depois, à humanidade. A obtenção de consentimento para o usufruto destes bens (sem temor de "vinganças") dependia da penhora desta dádiva e da sua aceitação.

Este mesmo pensamento, de restituição das *Primícias* à deusa foi transferido, milhares de anos após, para a figura do *Deus-Pai* Hebraico, sobrevivendo por várias eras bíblicas, estando inscrito como procedimento obrigatório nos seus livros sagrados, nomeadamente no Levítico, com todos os detalhes relativos ao estado das ofertas (*Primícias*) e respectivas condutas relacionadas com a sua dádiva.

Grande parte do comportamento observado nas "Promessas", e dirigido ao Espírito Santo, parece inscrever-se em crenças equivalentes. O mesmo entendimento arcaico, de obrigatoriedade da "oferta", traduz o sentido da possessão dos bens da Terra e emerge, implícito, nas explicações da-

[2] Uma grande variedade de alimentos rituais é produzida e distribuída, como importante componente do Culto, sob a justificação da "Promessa", ou uma espécie de contrato estabelecido com a Divindade. Este comportamento é mantido e reforçado, não obstante ser contraditório em relação à cultura económica e materialista, dominante nos tempos actuais.
[3] Podendo esta divindade ser não só da Terra (Gaia, por exemplo), mas também dos frutos (Artémis) ou das sementeiras (Deméter)

das pelas pessoas envolvidas no ritual, quando explicam a razão de ser da sua conduta[4], especialmente no que se relaciona com "Milagres" do Espírito Santo e com o "Bezerro do Espírito Santo"[5], a qual é bastante semelhante à alusão bíblica a esta situação.

b) As funções e características dos Templos

As pequenas "Casas do Espírito Santo", ou "Impérios", como são conhecidos em muitas partes dos Açores, na sua forma cúbica e cores garridas, diferem completamente dos outros Templos actuais. Não falando já do óbvio, como sejam a arquitectura e a dimensão, é no perscrutar das suas funções que essa distinção mais se acentua. Em vez de servir a comunidade como lugar de congregação e oração, como acontece com a generalidade das religiões, as funções destes Templos do Espírito Santo assemelham-se às dos antigos Templos Gregos pré-Cristãos, que serviam unicamente para guardar, ou dar abrigo às imagens dos deuses e deusas e não foram concebidos para albergar os devotos, nas suas orações. Tal como estes, os Templos do Espírito Santo parecem conservar a mesma lógica, servindo apenas, por um curto espaço de tempo, para a guarda da parafernália do Culto e algumas funções de gestão[6].

Mas estes Templos são também portadores de outras simbologias, em cujo papel não se diferenciam dos Templos actuais. Como referência a outros aspectos enigmáticos do Culto, e às épocas históricas que atravessou[7], percebe-se no Templo um tipo de linguagem exotérica e enigmática, apenas do conhecimento de alguns iniciados. Com efeito, na arquitectura dos *Impérios*, a sua forma cúbica, por exemplo, foi comparada[8] à da Jerusalém Celeste, em referência à "forma perfeita" (sendo o cubo um símbolo tradicional da Terra[9]). Do mesmo modo, na maior parte dos *Impérios*, o triângulo que encima a fachada principal possui o ângulo superior com 108º e os dois laterais 36º cada, deste modo representando o *Delta Luminoso*, símbolo do fogo, um dos emblemas do da Santíssima Trindade e do Espírito Santo. A reunião dos dois elementos, o cubo e o triângulo, transforma-se num meio de estabelecer a ligação entre a Terra e o Céu, humanidade e Divindade, numa linguagem pouco comum na actual Igreja Católica. Outros elementos constantes da decoração e mesmo da estrutura arquitectónica dos *Impérios* são a repetição do número três nas fachadas laterais divididas em três partes iguais, duas das quais ocupadas por janelas, e o posicionamento do trono, cujo desenvolvimento em degraus conduz o oficiante a uma posição central, supostamente propícia ao estabelecimento do pretendido contacto com o sobrenatural[10].

---

[4] Por vezes, são feitas Promessas cujo valor monetário excede em muito o valor dos bens em questão.
[5] Um bezerro cuja criação é sujeita a determinadas condições, (em alguns casos, idênticas às prescritas no Leviticus), para ser sacrificado em nome do Espírito Santo.
[6] Eleição dos Imperadores
[7] Neste caso, à dos Templários
[8] Por Breda Simões, in *Apocalypse*
[9] A esfera é entendida como um cubo em rotação
[10] Segundo interpretação de Breda Simões

c) O elevado estatuto atribuído à mulher, nas celebrações religiosas

A atitude discriminatória da Igreja Católica em relação à mulher é bem conhecida. Porém, no Culto do Espírito Santo, a mulher desempenha todos os papéis importantes em igualdade de posições e de direitos com o homem. Sendo quem transporta alguns dos objectos sagrados (como as Coroas, Salvas, etc.) e tendo a possibilidade de desempenhar também o papel de "Imperador", ou promotor e responsável pelo ritual principal, a mulher revela-se como possuindo o poder de ascender, sempre que o queira, à figura central no Culto.

Esta posição, que se manifesta em contradição com a postura da Igreja estabelecida, é no entanto concordante com a que se conhece como pensamento social predominante na Europa arcaica, nas comunidades agrárias do Neolítico e/ou início do sedentarismo, onde as relações com a Terra eram entendidas como religiosas e dirigidas à "Mãe Terra", na figura feminina (Artémis, Deméter e sua filha Persefona, na Grécia e Atégina, identificada com Persefona ou Prosérpina, na Ibéria), procurando a protecção para as sementeiras. A semelhança entre os processos de gestação do homem e das sementes facilitava este predomínio feminino.

A persistência desta atitude (progressista, segundo os princípios actuais), através dos tempos, e especialmente nos Açores, pode ser atribuída à vocação agrária das Ilhas, assim como à pequena dimensão das propriedades, onde a relação directa com a Terra reforça a posição dominante da mulher. A vivência desta situação parece proteger a memória de estruturas matriarcais[11].

d) As refeições cerimoniais, tidas como actos religiosos

As refeições comunais são outra manifestação visível do espírito arcaico que domina estas práticas: aparecem prescritas e detalhadamente descritas no Leviticus, numa atitude de aparente tentativa de integração de costumes anteriores. Mas a organização deixada a cargo da família responsável já se inscreve numa postura vanguardista, de delegação de poderes.

A refeição principal, das várias que têm lugar, segue-se ao ritual da "coroação" e é realizada de forma solene (sendo comum a presença de uma Coroa sobre a mesa). Várias outras refeições, ou distribuições rituais de ofertas alimentares, têm lugar durante a semana de Festas, inscrevendo-se portanto, nesta categoria de actos religiosos. O indicador da sua natureza (como acto considerado religioso) revela-se no obedecer a regulamentos restritos, em relação à natureza dos alimentos e sua confecção.

Toda a preparação dos alimentos rituais, observando os procedimentos considerados pela comunidade como "correctos" e apropriados, revela o entendimento que lhe é atribuído (a sua natureza sagrada) através de vários pormenores, como sejam a constante invocação do Espírito Santo e a presença de objectos do Culto no local de preparação. Tal preparação é realizada quer por grupos

[11] Conforme Natália Correia, escritora Açoriana

organizados, trabalhando com a família durante aquela semana, quer exclusivamente pela família.

Os tipos de alimentos variam de lugar para lugar. Mas o entendimento existente sobre o "Bezerro do Espírito Santo" apresenta-se como um dos princípios mais regulares, neste capítulo, e um dos que melhor exemplificam o sentido dado a estes manjares. O bezerro comprado e criado para ser morto com esta finalidade (distribuído em "esmolas"), não pode ser substituído por outro, sob nenhum pretexto. Uma infracção a esta regra será considerada como séria transgressão. Existe um enorme reportório de estórias sobre "milagres" acontecidos com estes animais, reflectindo o sentido que lhes é atribuído[12]. O mesmo critério aplica-se aos vários tipos de pão, vinho, ou qualquer género de alimento desta categoria[13], ou preparado com a intenção de ser distribuído de modo ritualizado, o que denota a presença de um entendimento subordinado ao das *Primícias*.

O mesmo sentido sobressai da distribuição de alimentos sagrados pelas pessoas, indiscriminadamente a todos (como acontece em Santa Maria e outros lugares), ou segundo grupos diferenciados (crianças, pobres, familiares, amigos, etc.) apresentando-se como um acto ritual, e repetindo-se por diferentes dias daquela semana particular.

Em cada comunidade existem critérios, implicitamente aferidos entre todos, sobre a forma "correcta" de realizar os ritos complementares, constantes do conjunto ritual da "Festa", cuja finalidade máxima (objectiva, ou concreta) parece ser a da distribuição de bens alimentares.

Este conjunto de elementos, compondo o *corpus* da variante *Ancestralidade*, embora não sendo exaustivo, já elucida sobre a permanência do factor nas práticas do Culto.

2. A variante Progressista do Culto

Em aparente contradição com o primeiro aspecto aqui analisado, resultante da observação de formas arcaicas[14] de interpretação e comunicação com o Sagrado, presenciadas nas práticas do Culto do Espírito Santo, existe uma outra característica, igualmente identificável nestas práticas, mas associada a uma atitude "progressista", no sentido de "democrática".
Refere-se aos valores defendidos pelo Culto, dos quais ressalta a "igualdade social". Vivida em situações diversas, por um largo período de tempo (cinco séculos, nos Açores) e substanciada no formato horizontal da estrutura das próprias Irmandades[15], a prossecução deste valor assume agora um carácter de normalidade. Mas prescrutando o sentido dos seus comportamentos, descobre-se a originalidade e o vanguardismo.

---

[12] Num total de 330 estórias deste tipo recolhidas, cerca de 85% dizem respeito ao Bezerro do Espírito Santo
[13] Sobre as "sopas do Espírito Santo" existe também uma série de estórias relatando o acontecimento de "milagres".
[14] Geralmente relacionadas com estruturas paternalistas e ditatoriais.
[15] Na qual não existe a figura da autoridade hierárquica

Os "Impérios" Açorianos, conforme a definição de George Gusdorf[16],

> ... são entidades que se subordinam a um aprofundado e mais generalista conceito de "Império", tentando estabelecer sociedades autónomas na terra, creditadas pelo seguimento da lei moral e dos direitos inalienáveis. A tradição defendida por estas entidades é a da "igualdade social".

A igualdade social, tal como é exemplificada pelos "Impérios", manifesta-se tanto na sua estrutura como na prática. A ausência de autoridade formal, assim como a autonomia dada a cada participante, na expressão da sua definição dos valores, entrega uma total liberdade ao homem comum na gestão ideológica do Culto. Em termos práticos, a experiência derivada de cada período de sete dias, das chamadas "Festas", está destinada a exercer uma influência subliminal que deverá atingir, através da praxe e do costume, o cerne ou essência deste ideal.

Durante a semana, cada família da comunidade (a Irmandade) é encorajada a exemplificar através das cerimónias ritualizadas, por vezes modificadas para melhor expressarem o ideal, o verdadeiro sentido compreendido no conceito "igualdade social". Embora nem as palavras nem o conceito sejam expressos abertamente, eles estão permanentemente implícitos nos estatutos e nas práticas de cada "Império". O compromisso entre a actuação e a necessidade de exemplificar "Igualdade", "Fraternidade" e "Caridade", em nome de Deus - o Espírito Santo (conforme estabelecido estatutariamente) implica uma obrigação para com a comunidade, assim como para com o sagrado, que se salda através da prática. A expectativa da comunidade na participação de cada família e no regular desempenho dos rituais, embora apenas subentendida, tem sido cumprida pelas várias gerações, o que significa que os "Impérios" Açorianos podem ser considerados como centros de divulgação do ideal da igualdade social. Deste modo, e na opinião de Gusdorf, os "impérios" deram origem a uma nova ordem:

> "... a configuração do Imério como ideal, como princípio regulador irreal, sinal de reconhecimento dos impérios reais.../... O Império assim entendido surge como um programa de valores presidindo a um ordenamento do universo, a uma regulação de relações entre os homens segundo uma ordem cuja intenção final é estabelecer e fazer reinar a paz em benefício de todos." (ibidem, p. 80/81)

A igualdade social estabelecida sob estes princípios de paz transforma-se numa experiência vivida, e não apenas num estado ideal (utópico). Durante o tempo formal das festividades, o qual, de acordo com o calendário Católico, decorre do Domingo de Pascoela até ao do Espírito Santo, todas as comunidades participam activamente. Este período estende-se depois pelo Verão até Outubro, nas Irmandades onde existe um grande número de "Promessas" a cumprir.

---

[16] George Gusdorf (1985), Professor de Mitologia na Universidade de Strasbourg

O ritual é composto por uma séries de ritos, ou actos de menor importância, tomando lugar na semana da "Festa", cada qual apresentando um novo exemplo de "igualdade social". Todos eles partem do princípio implícito (comum a muitas culturas) de que a participação numa refeição cerimonial[17], assim como a aceitação de qualquer tipo de alimento simbólico, implica o estabelecimento de uma espécie de tratado de paz, ou a situação em que o sentimento de "fraternidade"[18] se transforma em realidade.

Com base neste princípio, e tendo em consideração a grande variedade de rituais que constituem as actividades dos "Impérios", dispersos por literalmente centenas de Irmandades (incluindo as dos emigrantes), o valor "igualdade social" adquire o estado de prática que lhe facilita o seu entendimento profundo.

Em conclusão, verifica-se que a aplicação de uma análise de tipo estratigráfico permitiu a compreensão de algumas das diferentes dimensões que compõem o Culto, facilitando o entendimento da possibilidade de coexistência entre factores arcaicos e vanguardistas, ou a coesão entre o passado e o futuro, garantindo um estado de equilíbrio e integração e continuidade, necessário a estas experiências democráticas.

Bibliografia

Breda Simões in "Le Symbolisme du triple couronnement", *Os Impérios do Espírito Santo e a Simbólica do Império*, Instituto Histórico da Ilha Terceira, II Colóquio Internacional de Simbólica, Angra do Heroísmo, 1985

Costa, Antonieta, (1999) *O Poder e as Irmandades do Espírito Santo*, Rei dos livros, Lisboa

Gussdorf, George, "Les Empire du Saint Esprit: mythistoire et ideologie", in *Os Impérios do Espírito Santo e a Simbólica do Império*, II Colóquio Internacional de Simbologia, Angra do Heroísmo, 1985

[17] Moisés Espírito Santo, (1988), *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Assírio e Alvim, Lisboa.
[18] No sentido de idêntico a si próprio, não conflituoso.

The Cult of the Holy Spirit

Identifiable elements and its ancestral nature

Antonieta Costa
Angra do Heroísmo, 1 de Fevereiro de 2006

By using various types of analysis, it is possible to extract pertinent information on the underlying past of the ritual of the Cult of the Holy Spirit, even though this concerns rites prior to the Christian phase. This is possible due to the strong marks of this past and its essence, which remain recorded and still belong in the practices of today.

The applied method is feasible not just because these aspects have been conserved, although many millennia old and pre-Christian, but also because they are present at the heart of current practices in the Cult, with many of their meanings remaining implicit[1].

Therefore, when comparing the marks still present with other forms related to the sacred which come from trans-European archetypes and mythologies from the Neolithic period, a group of similarities can be found which could authorise the hypothesis that one was the genesis of the other. Emerging from archaeological evidence, oral traditions and ongoing ethnographical research, these similarities are a precious source in revealing determinant yet incomprehensible aspects of the Cult, if analysed by current logic. By placing some in conflict with others it was possible to obtain a significant *corpus* to be used in comparing what is predominantly expressed in the dialect *Ancestrality vs. Modernity.*

Everything that the cult reveals seems to result from a permanent dialogue between these two factors, which are a little impenetrable to current vision, given its archaic nature as well as the gestural nature used.

On the other hand, the philosophical content of the Cult consists of an amalgam of the various ideas from the epochs it has lived through, from Hebraism to popularity of the Templars, for example, which, because of the ideological complexity involved, make a linear reading difficult. But a coherent dimension of the Cult seems to be revealed by the *Ancestrality – Modernity* factors, which serve as a consistent thread for the interpretation here intended.

1. The ancestral nature
2. The progressive nature

[1] These meanings were the object of study based on "stories of the Miracles of the Holy Spirit" part of the author's doctoral thesis.

1. With reference to the first variable, the ancestral, four factor of the Cult were identified and isolated. These are indicators of the presence of old European agrarian mythology and simultaneously are differentiated from current Catholic practices:

a) The compulsive nature of the offerings.
b) The functions and characteristics and Temples.
c) The elevated status attributed to the woman, in ceremonies of a religious nature.
d) Communal meals as being a form of religious behaviour.

On a closer look at the relation which seems to exist between the nature of the isolated elements and the rituals of agrarian mythologies, a rationality was perceived which is expressed in the following examples:

a) The compulsive nature of the offerings

When considering behaviour related to what in the Cult is designated as "Promise"[2], it seems to implicate a degree of obligation coming from the past (and/or subconscious), as far as the offer (sacrifice) of a variety of foodstuffs to a divinity (or in his name, to others) is concerned. This rite can be compared to offers in *Primitiae* sacrifices because of the characteristics it embodies.

The ritual of *Primícias* consisted of an obligatory act characterised as a "sacrifice" (but in reality serving as a "contract"), established between the agrarian populations of Neolithic Europe and their Goddess of the Earth[3], to which the populations gave (sacrificed) the first fruits and animals. This behaviour is based on the belief that all life (animal or vegetable) belongs by right to the Earth and only after to humanity. Obtaining consent to enjoy these goods (without fear of "revenge") depended on the seizure of the offering and its acceptance.

This same thought, of restitution of the *Primícias* to the goddess was transferred, thousands of years later, to the Hebrew *Father-God* surviving various biblical eras and being obligatorily written about in its sacred books, specifically in Leviticus, with all the details of the state of the offers (*Primicias*) and the respective conduct as far as the offerings was concerned.

Much of the behaviour observed in the "Promises" is aimed at the Holy Spirit and seems to be inscribed in equivalent beliefs. The same archaic understanding of an obligatory "offering" translates the sense of possession of the goods of the Earth and implicitly emerges in the explanations given by people involved in the ritual when they explain the reasoning behind their behaviour[4], especially in relation to the "Miracles" of the Holy Spirit and the "Calf of the Holy Spirit", which is quite similar to the biblical allusion of this situation.

---

[2] A great variety of ritual food is produced and distributed as an important component of the Cult under the justification of a "Promise" or a type of contract established with the Divinity. This behaviour is maintained and re-enforced, notwithstanding it being contradictory in relation to materialist and economic culture which is dominant in modern times. .

[3] It could be that this Divinity is not just to Earth (Gaia, for example) but also to fruit (Artemis) or grain (Demeter)

[4] Sometimes Promises are made whose monetary value greatly exceeds the value of the goods in question.

b) The functions and characteristics of the Temples

The small "Houses of the Holy Spirit" or "*Empires*", as they are known in many parts of the Azores, with their cubic form and bright colours, differ completely to other current Temples. Not to speak of the obvious just yet, which is the size and the architecture, it is the functions that need a closer analysis. Instead of serving the community as a place of congregation and prayer as is the case with most religions, the functions of these Temples of the Holy Spirit are similar to the pre-Christian Greek Temples, which served solely to guard or give shelter to images of the gods or goddesses and not shelter the devotees in their prayers. Like these, the Temples of the Holy Spirit seem to follow the same logic by merely serving for a short period of time to house the paraphernalia of the Cult and some administrative functions[5].

But these Temples also hold another symbolism, whose role is no different to the current Temples. With reference to other enigmatic aspects of the Cult and the historical periods it has gone through, it is understand that there is a an exoteric, enigmatic language in the Temple, which is known to only a few of the initiated. Indeed, in the architecture of *Empires,* its cubic form, for example, has been compared to the Celestial Jerusalem, referring to the "perfect form" (with the cube being a traditional symbol of Earth[6]). In the same way, on most *Empires,* the triangle which tops the main façade possesses an upper angle of 108º and two side angles of 36º each, thus representing the *Delta Luminoso,* a symbol of fire, one of the emblems of the Holy trinity and the Holy Spirit. The union of two elements, the cube and the triangle, is transformed into a means of establishing a link between Earth and Heaven, humanity and Divinity in a language not common in the modern Catholic Church. Other consistent elements in the decoration and even in the architectural structure are the repetition of the number three on the side façades which are divided into three equal parts, two of which are occupied windows and the positioning of the throne, whose development in steps leads the officiator to a central position, supposedly offering the incumbent contact with the supernatural[7].

c) The elevated status attributed to the woman in religious ceremonies

The discriminatory nature of the Catholic Church in relation to the woman is well-known. However, in the Cult of the Holy Spirit, the woman performs all the important roles on a par with the positions and rights of the man. Whether it be in carrying sacred objects (like crowns, salvers, et.) or in the possibility of also performing the role of "Emperor", or the promoter responsible for the main ritual, the woman is shown as possessing the power to ascend to, whenever wanted, to being the central figure in the Cult.

This position, which manifests itself as contradictory to the position of the established Church, is, however, in accordance with what is known of predominant social thought in archaic Europe in

[5] Election of the Emperors
[6] The sphere is understood as a rotating cube
[7] According to the interpretation of Breda Simões

Neolitihic agrarian communities and/ or the beginning of sedentary habits. In it relations with the Earth were understood as religious and aimed at "Mother Earth" in the feminine figure (Artemis, Demeter and her daughter, Persephone, in Greece and Ategina, identified with Persephone or Proserpina, in Iberia),seeking her protection for the grains. The similarity between the gestation of man and seeds facilitated this feminine predominance.

The persistence of this attitude (progressive, according to presentday principals) through time and especially in the Azores can be attributed to the agrarian vocation of the Islands as well as the small size of the properties, where the direct relation with the Earth reinforces the dominant position of the woman. This way of living seems to protect the memory of matriarchal structures[8].

d) Ceremonial meals as religious acts

Communal meals are another visible manifestation of the archaic spirit which dominate these practices: there appear prescribed and detailed descriptions in Leviticus, in an apparent attempt to integrate former customs. But this organisation of having a family responsible for the delegation of powers is seen as a vanguardist posture.

The main meal, of the many which take place, follows the ritual of a "coronation" and is held solemnly (with the presence of a crown on the table being common). Various other meals, or ritual distribution of offerings of food, take place during the Feast week, and are therefore included in the category of religious acts. The indicator of their nature (as an act which is considered religious) shows that they follow strict regulations in relation to food and its preparation.

All the preparation of ritual food, observing procedures considered "correct" and appropriate by the community, shows an understanding of the sacred nature attributed to it through various details, like the constant invocation of the Holy Spirit and the presence of Cult objects in the place where the food is prepared. This preparation is done by organised groups working with the family during Feast week or exclusively by the family.

The types of food vary from place to place. But the existing understanding on the "Calf of the Holy Spirit" is presented as one of the most regular principles, in this chapter, and one which best exemplifies the meaning given to these delicacies. The calf, which is bought and raised with death as its finality (distributed as "alms"), cannot be substituted by another in any circumstances. An infraction of this rule will be considered as a serious transgression. There are an enormous number of stories about "miracles" occurring with these animals, reflecting the meaning which is attributed to them[9]. The same criterion applies to the various types of bread, wine or any other type of food in this category[10], or prepared with the intention of being ritualistically distributed, which denotes the presence of a subordinate understanding to the *Primícias*.

[8] According to Natália Correia, writer from the Azores
[9] Of a total of 330 stories of this type which have been collected, 85% of them refer to the Calf of the Holy Spirit
[10] On the "soups of the Holy Spirit, there are also a series of stories related to "miracles" taking place.

The same meaning can be seen in the distribution of sacred food by people indiscriminately to all (as happens on Santa Maria and other places) or according to differentiated groups (children, the poor, relatives, friends, etc.) and is presented as a ritual act, repeated on different days of this particular week.

In each community there are criteria, implicitly standardised by all, on the "correct" way to execute the complimentary rites, consistent with the ritual of the "Feast", whose final purpose (objective or concrete) seems to by the distribution of foodstuffs.

This set of elements making up the *corpus* of the variant *Ancestrality*, while not exhaustive already demonstrates the permanence of this factor in Cult practices.

2. The Progressive variant of the Cult

In apparent contradiction with the first aspect analysed here, resulting from an observation of archaic forms[11] of interpreting and communicating with the Sacred present in the practices of the Cult of the Holy Spirit, there is another equally identifiable characteristic in these practices, but associated with a "progressive" attitude in the sense of "democracy."

This refers to values defended by the Cult which include "social equality." This equality is seen in various situations for a long period of time (five centuries in the Azores) and substantiated in the horizontal format of the Brotherhood's structures[12], so much so that this value assumes the character of normality. But prescribed in the meaning of its expression originality and vanguardism can be discovered.

The Azorean "Empires" conform to the George Gusdorf's[13] definition as being:

> ... entities which are subordinate to a deeper and more generalist concept of "Empire" in an attempt to establish autonomous societies on the land by following moral law and inalienable rights. The tradition defended by these entities is that of "social equality."

Social equality, as exemplified by "Empires", is manifested as much in its structure as in practice. The absence of formal authority, as well as the autonomy of each participant, in the expression of the definition of its values, gives total liberty to the common man in the ideological administration of the Cult. In practical terms the experience derived from each period of seven days of the so-called "Feasts", is aimed at exercising a subliminal influence which should be obtained through praxis and custom and is at the heart or essence of this ideal.

During the week, each family of the community (the Brotherhood) is crowned to exemplify through

[11] Generally related to paternalistic and dictatorial structures.
[12] In which there is no hierarchical authority figure
[13] George Gusdorf (1985), Professor of Mythology at Strasbourg University

these ritualised ceremonies. These are sometimes modified to better express the ideal of the true meaning of the concept of "social equality." Although neither the words nor the concept are open expressions, they are permanently implicit in the statutes and practices of each "Empire." The compromise between performance and the needs to exemplify "Equality", "Fraternity" and "Charity", in the name of God – the Holy Spirit (as established in the statutes) implies an obligation to the community as well as the sacred, which is balanced through practice. The expectation of the community for each family to participate regularly and in the regular performance of rituals, although merely underlying, has been followed by various generations. This means that the Azorean "Empires" can be considered as centres of the ideal social equality. In this way, and in the opinion of Gusdorf, the "empires" give rise to a new order:

> "... the configuration of the Empire as an ideal, as the imagined regulating principle, a sign of recognition of real empires.../... The Empire thus understood appears as a programme of presiding values and ordering the universe, as a regulation of the relationships between men according to an order whose final intention is to establish peace and make it reign to the benefit of everyone. (ibidem, p. 80/81)

The social equality established under these principles of peace is transformed into a living experience and not just an ideal state (utopia). All the communities participate actively during the formal duration of the festivities, which, according to the Catholic calendar, runs from Low Sunday until Holy Spirit day. This period then extends through the summer until October in the Brotherhoods where there are a great number of "promises" to fulfil.

The ritual is composed of a series of rites, or acts of lesser importance, taking place in the "Feast" week, each one of which represents a new example of "social equality." All of them start from the implicit principle (common to many cultures) that participation in a ceremonial meal[14], as well as the acceptance of any type of symbolic food, implies the establishment of a type of peace treaty, or a situation in which the feeling of "brotherhood"[15] is transformed into reality.

Starting from this principle, and taking into consideration the variety of rituals which constitute the activities of "Empires" spread over literally hundreds of Brotherhoods (including emigrant ones), the value "social equality" all the communities participate actively in acquires the state of a practice which facilitates its deeper understanding.

In conclusion, it can be seen that the application of a stratigraphic analysis reveals some of the different dimensions that make up the Cult and facilitates an understanding of the possibility of a coexistence between archaic and vanguard factors, or the cohesion of the past and the future. This guarantees a state of equilibrium, integration and continuity, necessary for these democratic experiences.

[14] Moisés Espírito Santo, (1988), *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Assírio e Alvim, Lisbon.
[15] In the sense of it own, non-contentious, identity.

BIBLIOGRAHY

Breda Simões in "Le Symbolisme du triple couronnement", *Os Impérios do Espírito Santo e a Simbólica do Império*, Instituto Histórico da Ilha Terceira, II Colóquio Internacional de Simbólica, Angra do Heroísmo, 1985

Costa, Antonieta, (1999) *O Poder e as Irmandades do Espírito Santo*, Rei dos livros, Lisboa

Gussdorf, George, "Les Empire du Saint Esprit: mythistoire et ideologie", in *Os Impérios do Espírito Santo e a Simbólica do Império*, II Colóquio Internacional de Simbologia, Angra do Heroísmo, 1985

ANTONIETA COSTA

É doutorada em Psicologia Social, especialidade *Cultura Organizacional*, pelo ISCTE, 1998, sendo os *Curricula* da Licenciatura e Mestrado fortes na área da Cultura. Na área do seu Doutoramento, o Culto do Espírito Santo, foi convidada a criar um verbete para o *Dicionário Temático da Lusofonia*, com o título "Espírito Santo, O Culto e a Festa em espaços Lusófonos". Em 2004/2005 leccionou na Universidade dos Açores a Disciplina "Patrimónios Artísticos e Culturais dos Açores" no Curso de Mestrado em Educação Ambiental, para a qual criou os conteúdos. Tem trabalhos publicados em Inglês, em Revistas científicas como *World Cultures Journal* (Vol. 13, 1, Spring 2002), ou *CEO* Refresher (http://www.refresher.com/!power ou http://www.refresher.com/!myth) entre outros.

Doctorate in Social Psychology by the ISCTE, 1998, with a speciality in *Organisational Culture*, she has Licentiate and Masters Degrees focusing on the area of culture. Being the Cult of the Holy Spirit the main theme for her PhD, she was invited to write a note in the *Lusophonic Thematic Dictionary* entitled "Holy Spirit, The Cult and the Feast in Lusophonic spaces." In 2004/2005 she wrote and lectured the subject "Artistic and Cultural Heritage in the Azores" as part of the Masters course in Environmental Education at the University of the Azores. She has works published in English in scientific magazines such as *World Cultures Journal* (Vol. 13, 1, Spring 2002), or *CEO* Refresher (http://www.refresher.com/!power or http://www.refresher.com/!myth) among others.

Memórias e Saudades de um Império do Espírito

Hélder Fonseca Mendes

Cada ano que passa, a Irmandade do Espírito Santo organiza-se, o Império abre, cumpre a sua dinâmica ritual e a festa faz-se. Há um respeito sagrado pela memória dos antepassados que legaram esta nobre tradição, vive-se um presente de bondade e misericórdia, e sonha-se com saudades do Império que está – embora intuindo poder ser outro – onde não haja miséria nem lágrimas, nem dor nem luto, mas paz, amor e alegria quanto baste.

Quando o império se prepara para abrir, os residentes e vizinhos voltam à doçura

do alfineto da sua infância, da massa sovada fresca da juventude, fazem memória fiel do império que receberam dos seus pais, e guardam saudades que cabem no sonho do Império que está por fazer.

Na tradição há fórmulas de oração dirigidas ao Espírito Santo, como os cânticos *Veni Creator* e *Veni, Sancte Spiritus* que entraram na religiosidade: «Espírito Santo – Deus, misericórdia». Pede-se o que se não tem, e inclusivamente que venha o contrário do que há: endireitar o que está mal, lavar o que está manchado, etc.

Este projecto, a que o Evangelho chama de reino de Deus, realiza-se na secular tradição pentecostal açoriana. Nela cabem restos pré-cristãos, como em qualquer forma de religiosidade popular, mas também abunda o reflexo do rosto de Cristo que envia o Espírito Santo e, sobretudo, deixa rastos de indubitável valor humano e cristão. Acarinhando estas festas e preservando-as, guarda-se o melhor da alma açoriana.

É na noite de Páscoa, quando os sinos das igrejas repicam, anunciando com aleluias o Ressuscitado, que os foguetes dos impérios começam a estalejar – tais línguas de fogo – anunciando o derramamento do Santo Espírito. Na radiosa aurora desse Dia, o Domingo de Primavera, enquanto se faz a procissão da consolação do Sacramento Santíssimo aos enfermos, é hasteada a bandeira do Divino Paráclito no mastro chamado de real, no Terreiro ou na Praça. O Espírito do Ressuscitado é o Espírito nos Impérios a anunciar os dons da paz e do perdão, da alegria e da justiça sob a Sua soberania. Não há melhor império que assegure a liberdade dos seus servos que o do Espírito, onde até se chamam de irmãos, de devoção e de pelouro, zeladores e procuradores.

Para além da dimensão caritativa das festas: recolha de donativos para se distribuir esmolas e fazer o bodo, há a dimensão organizativa com a sua hierarquia própria, e ainda a dimensão ritual com simbolismo próprio a dizer-nos que é o Senhor Espírito Santo quem exerce a soberania sobre o povo. Isto é, onde há o Espírito de Deus não há tirania, prepotência, totalitarismo ou injustiça. Sempre há caridade. O Império é de todos, de ricos e pobres, mas preferentemente dos pequenos,

dos desvalidos, dos inocentes, dos insatisfeitos. A chamada «função» que o imperador oferece é sobretudo para os aparentemente disfuncionais nos impérios de outros senhores.

O Espírito dificilmente se representa. Não é Pai nem é Filho. É o Espírito Santo, Deus de misericórdia. Já nos evangelhos aparece «como» uma pomba, «sob a forma» de línguas de fogo. Nunca é tal qual o que se vê. No que se vê, Ele está sempre para além. É sempre menos e inadequado o que se vê. Também na cultura e religiosidade açorianas está presente sob a forma de império, de coroa, de ceptro, de bastão, de bandeira, de menino e de pobre. Porque O vestiu de prata e flores, foguetes e arraiais, alfinim e massa sovada, carne, pão e vinho é que o Espírito Santo é conhecido por todos os açorianos, enquanto é ignorado noutras paragens. A fé pura é sempre inculturada e talvez por isso nunca seja pura.

Nem o artista nem o cientista podem falar directamente do Espírito Santo. Fazem-no modestamente por aproximações, símbolos, gestos e imagens. Tal como quando se fala do Amor. É nesta perspectiva que devemos ver a simbólica do Império. Sem medo dos iconoclastas.

Podemos encontrar uma inspiração remota, de profundo carácter espiritual e bíblico, para a construção dos edifícios chamados de impérios no Livro de Ezequiel 48, 30-35 quando se fala das doze portas de Jerusalém, quatro para cada lado. De ombreiras abertas, passou-se a usar portas e janelas. O império nunca está montado ao nível do solo, o que pode significar o seu lugar de elevação, fonte e protecção às "inundações" deste mundo. Usa-se escadas para a comunicação. No mesmo sentido, o Livro do Apocalipse 21, 10-16 sobre a Jerusalém messiânica volta a falar de «uma muralha grossa e alta, com doze portas», três para cada lado, com doze pilares. A cidade havia de ser quadrangular, com o cumprimento igual à largura. Estariam estes textos nas mentes dos arquitectos populares açorianos?

A coroa significa a consagração de uma pessoa. Devido a situar-se no cimo do corpo, implica não só os valores da cabeça, mas também os que estão acima da cabeça; é como se a cabeça crescesse para o alto. Como sinal de perfeição é circular, sem princípio nem fim; por ela participa-se da natureza celeste; une no coroado o que está debaixo e o que está por cima dele; é promessa de vida imortal; significa dignidade, poder, realeza, luminosidade; significa participação em forças superiores; está relacionada com o corno (pela elevação, poder e iluminação) e com a mitra (dos bispos e dos foliões).

As coroas do Espírito Santo, na sua maioria construídas de prata batida, lavrada, havendo também as de casquinha e latão, contêm vários signos paráclitos. Há-as de vários tamanhos. Aparecem com quatro imperiais (hastes ou braços), cinco e actualmente com seis, com o aro em relevo. No cimo, uma pomba de asas abertas pousada sobre uma esfera simbolizando o globo terrestre. Na iconografia do padroeiro da catedral açoriana há um idêntico globo terrestre na mão do Salvador do Mundo, tal «único imperador de tem, deveras, o Globo mundo em sua mão» (Fernando Pessoa). Nas coroas mais antigas, a pomba é substituída pela cruz latina. Podem ser enfeitadas com flores em

tecido de cambraia, normalmente, toda branca ou, eventualmente, com flores coloridas, imagem do «Espírito Santo da alegria».

Das casas dos fidalgos, que as possuíam primeiro, passaram as coroas para o povo, não sendo propriedade de um indivíduo mas de uma irmandade, cuja sede era o Império. Além dos impérios, podem ver-se coroas em cenas do quotidiano, como nos frontispícios das casas, de relevo em pedra de cantaria (Ramo Grande, Terceira) e nas louças, como marca de posse de uma irmandade, ou no arroz doce, contornadas com canela. Têm o seu trono próprio no império e na casa do imperador. Na dinâmica do império do Espírito a coroa não traz a pretensão do poder, mas o formidável prazer de dar, a responsabilidade de repartir, o esforço de preparar para os outros. Parecem ser estas as funções de quem governa ou serve com justiça. O mordomo é aquele que «serve» o império do Espírito na pessoa dos irmãos. Serve-se uma ou duas vezes na vida: quando se é solteiro com a ajuda dos pais, quando casado com a ajuda da mulher. Assim se fazem os imperadores e as imperatrizes.

O bastão sustém a marcha do pastor, do peregrino e do ancião; é sinal de autoridade; serve para fazer justiça e edificar a ordem. Cada ordem profissional tem o seu bastonário e cada irmandade tem o seu bastão; é sinal de defesa, guia, governo e sustento; é usado pelo bispo como símbolo de pastor do povo que lhe está confiado, bem como por romeiros e caminheiros; com ele se "faz justiça". Nas primitivas descrições das coroações faz-se referência às canas que os irmãos levavam nos cortejos a acompanhar a coroa. Está ainda associado aos «milagres» do Espírito, na extinção do fogo de vulcões, que termina onde o bastão pode chegar levado por mão humana.

O ceptro, como símbolo da soberania, poder, autoridade intelectual, espiritual e social, aparece na vida militar e judicial; é símbolo da legítima autoridade. Também a Jesus no teatro da paixão se coloca uma cana na mão, como burla. Na coroação, mesmo nas crianças, o ceptro aparece como prolongamento do braço; o braço humano estende-se para além dos seus limites; ultrapassa o próprio corpo, assim como Deus "prolonga nos homens o poder do seu braço". Na iconografia cristã, os soberanos declarados santos levam o ceptro como atributo da sua condição, tal como a coroa, próxima das auréolas e dos resplendores. Os ceptros usados no culto popular são como uma pequena vara do mesmo material da coroa que acompanham, de 35 a 40 centímetros com a pomba colocada na extremidade mais delgada. Nele é costume amarrar-se um laço comprido de fita branca ou encarnada.

A bandeira tem um sentido de distintivo, de pertença e identidade. Cada sociedade organizada tem as suas insígnias próprias, que se colocam normalmente numa cúspide, representando uma determinada presença. A bandeira é símbolo de protecção, concedida ou implorada. Merece todo o respeito e afecto de quem com ela se identifica. O alferes ou portador da bandeira do Espírito levanta-a por cima da cabeça, sobre o ombro, ficando superior à altura do corpo humano. Adejada pelo vento é sinal de liberdade; lança um apelo «às coisas do alto», à contemplação, cria um vínculo entre o alto e o baixo. Nas casas particulares, as bandeiras significam que uma família tem o Espírito Santo

para adorar e glorificar (velar). Nos cortejos, indicam que o povo guiado e governado pelo Espírito está a caminho: na transladação da coroa ou no cortejo da coroação.

O ritual e simbólica do Império não é uma mímica para ridicularizar quem quer que seja ou para destituir poderes legitimados, apesar da crítica social que os festejos em si mesmo podem trazer, o que nos parece saudável. Tudo é feito com muito seriedade, sem respeitos humanos nem vergonhas ou falsas imitações de presunção ou provocação, respeitando os papeis de todos os intervenientes nos festejos, nomeadamente os ministros da Igreja, a quem sempre foi reservado o acto da coroação. Assim é a tradição imperial nos Açores. Sem apropriações indevidas. Com propriedades e lideranças demarcadas.

O Espírito Santo manifesta ser do seu agrado a prestação de tal culto, como vemos por inúmeros testemunhos e abundantes narrações de milagres, inclusivamente em comunidades conventuais, onde as religiosas faziam estas práticas rituais, como prova da sua devoção, sob pena de acontecimentos adversos à normalidade da vida segura e pacífica. Os milagres atribuídos ao Divino Paráclito querem claramente mostrar que o Espírito Santo quer ser adorado com a festa do império, pela razão de nela se incluir as esmolas e jantar aos pobres.

A comunidade que vive a prática do culto do Espírito é um modelo indirecto de crítica social que pode oferecer ao conjunto da sociedade estímulos de pensamento e impulsos sugestivos. A realidade do Império do Espírito Santo é relevante pelos apelos que faz: a memória espiritual que se mantém viva, como, alias, é função própria do Espírito – Paráclito, recordar (avivar) tudo quanto Cristo disse e ensinou; a evocação simbólica do modo de entender o serviço em termos de simplicidade e inocência; a partilha dos bens com os pobres e marginalizados da sociedade, onde a pobreza não é sinónimo de carência, mas de partilha, multiplicação e abundância. Estas festas proclamam a dignidade de todo o homem, sobretudo das crianças e dos pobres.

As festas ao Divino Paráclito têm sentido como reacção à despersonalização e desenraizamento trazidos pela globalização, ao assistirmos a um movimento de procura e defesa das raízes culturais e religiosas mais profundas das nossas identidades. O Espírito presente na História e no Mundo está especialmente presente na Igreja. Estas festas nos Açores nasceram no seio da Igreja, são levadas a efeito por crentes e comunidades cristãs. Não há fundamentos para afirmar a sua origem pagã, a não ser a pretensão de justificar um neo-paganismo de cariz secularista.

O melhor proveito cultural destas festas é a sua transição para a vida, como seja o exercício da justiça e do poder, o menino e a inocência, a bondade e a partilha. Assim, as festas do Espírito Santo podem levar a um processo de conversão e mudança, na ordem religiosa, moral e intelectual, que não se contente com a superfície, a aparência, o culto externo que não transforma nem faz escola. Na sua simplicidade, estas festas constituem uma resistência crítica e profética ao poder político e ao poder económico, e são como que uma reserva histórica do pensamento utópico poético.

O culto e festas do Espírito Santo, tal como são praticados nos Açores, podem servir de pedagogia

moral na perspectiva do dom e da justiça. Enquanto outras manifestações de carácter popular estão muito associadas à penitência e à dimensão individual do sujeito, no culto do Espírito Santo as promessas não se pagam com sacrifícios no templo ou a caminho dele, nem com intimismos, mas a graça e alegria são fruto do que se dá, do que se partilha e do que se recebe, sonhando assim com um mundo de abundância e de justiça, sinal messiânico do Reino de Deus sob a presença e soberania do Espírito.

O sistema do dom dá importância às relações sociais da comunidade; o pecado acontece quando se rompem as relações fraternas e a graça chega quando estas relações se promovem e refazem. O importante é que a abundância e a riqueza cheguem a todos, como sinal de bênção, partilha, justiça, comunhão, para que não haja pobres; ensina a receber o que se não tem e a dar o que o outro necessita; é de carácter comunitário; deixa espaço à misericórdia. O culto é para celebrar e saborear as maravilhas, alegrias, bênçãos e dons de Deus, experimentados entre o povo. O pecado é a dívida ou ingratidão para com Deus e/ou os irmãos; o perdão vem pela reconciliação com Deus e com os outros, na realidade, e não somente em rito.

É possível distinguir a prática do império do Espírito Santo da prática dos poderosos deste mundo. Assim, a nível económico, a prática do Império do Espírito Santo é de dom, comunicação com o pobre, sobre-abundância; enquanto a do império do poder é de acumulação e riqueza que gera exclusão, dívida e escassez; a nível político, a prática do Império do Espírito Santo é de diaconia, igualdade, poder verdadeiro, enquanto a prática do império dos poderosos é de dominação, divisão, violência, poder mentiroso; a nível ético-social, a prática do Império do Espírito é de liberdade, trabalho, amor fraterno, vida, do reino de Deus, do homem novo, enquanto a do império deste mundo dá-se em termos paralisantes e egoístas.

Na medida em que a soberania de Deus se exerce, sob a designação de império, acontece misericórdia e solidariedade com os débeis, recuperação amorosa e privilegiada das vítimas. Dá-se uma novidade radical na realidade social, a sua inversão, e abre-se um horizonte até então insuspeito. A mudança passa por reconverter a selecção dos fortes (império no sentido negativo) em solidariedade com os débeis (império do Espírito). Nesta lógica, o que antes era disfuncional – crianças, pobres, doentes, estrangeiros... – é chamado a ocupar os primeiros lugares, diríamos nós a tomar o Império e a servi-lo.

O Espírito Santo é "pai dos pobres e distribuidor da riqueza". O sinal dos tempos messiânicos é a eliminação da pobreza na comunidade que se abre ao Espírito e a distribuição da riqueza de dons e bens. O culto do Espírito Santo confirma esta profecia. Deste culto, há consequências comunitárias e sociais de tal alcance, a ponto de ele ter produzido, e dever produzir, frutos nos campos da saúde e da economia, da missão e das obras de misericórdia, na dádiva, na justiça, na partilha e na vida fraterna.

Assim se serve os homens e glorifica a Deus, no Império do Espírito Santo.

Memories and Saudades[1] of an Empire of the Spirit

Hélder Fonseca Mendes

With each passing year, the *Irmandade do Espírito Santo* (Brotherhood of the Holy Spirit) organizes itself, the *Império*[2] opens, executing its ritual dynamics and the feast is held. There is a sacred respect for the memory of the forefathers who bequeathed this noble tradition, one lives in a present of goodness and mercy and one dreams of *saudades* for the *Império* — although intuitively knowing it could be another — where there is no misery or tears, no pain nor mourning, but peace, love and happiness.

When the *Império* is being made ready to open, the residents and neighbours go back to the sweet *alfenim*[3] of their childhood, to the fresh *massa sovada*[4] of their youth, faithfully remembering the *Império* which passed on from their parents and feeling *saudades for* the dream of the Empire to be made.

The tradition preserves formulaic prayers to the Holy Spirit, such as the chants *Veni Creator* and *Veni, Sancte Spiritus* which were received into religiosity: "Holy Spirit — God, have mercy ". One asks for what one does not have and, moreover, the opposite of what there is: straightening up what is wrong, cleansing what is stained, etc.

This project, which the Gospel calls the kingdom of God, is held in the Azorean secular Pentecostal tradition. Within it there are pre-Christian vestiges, as in any expression of popular religiosity, but the reflection of the face of Christ also abounds, conveying the Holy Spirit and, above all, leaving traces of indubitable Christian and human value. Cherishing and preserving these *Festas,* one keeps the best of the Azorean soul.

It is on Easter night, when the churches bells peal, announcing the Risen One with halleluiahs, when the *Império* fireworks start to crackle — like tongues of fire — announcing the effusion of the Holy Spirit. During the radiant dawn of this Day, spring Sunday, while the procession to convey the solace of the Holy Sacrament of the sick is taking place, a flag is hoisted to the Divine Paraclete on the so-called royal mast in the *Terreiro*[5] or in the Square. The Spirit of the Risen One is the Spirit in the *Impérios* announcing the gifts of peace and forgiveness, of joy and justice under His sovereignty. There is no better empire aiming to assure freedom for its servants than that of the Spirit, where they themselves are called *irmãos, de devoção e de pelouro, zeladores e procuradores*[6].

[1] The Portuguese word *Saudade* is a cross between homesickness, longing and melancholy.
[2] Literally: "empire": Small chapels, outside the church building and the influence of the parish, dedicated to the Holy Ghost, which open only during the festivities.
[3] A sugary paste that is hardened in shapes connected to the feasts, for instance doves, or according to the particular intentions of those who give it away.
[4] Sweetbread.
[5] Yard , usually near the church
[6] Literally brothers of assignment and devotion, custodian and procurator

Besides the charitable dimension of these feasts: collecting donations to be given as alms, there is an organisational dimension with its own hierarchy and also the ritual dimension with its own symbolism, telling us that Our Lord the Holy Spirit holds sovereignty over the people. That is to say that where the Spirit of God abides, no tyranny abides, nor totalitarianism or injustice. There is always charity. The *Império* is everybody's, rich and poor, but preferably of the small, the invalid, the innocent, the dissatisfied. The so-called *função*[7] the *imperador* offers is above all for those who are apparently dysfunctional in the empires of other Lords.

The Spirit is difficult to represent. It is neither Father nor Son. He is the Holy Spirit, merciful God. Already in the Gospels He appears "as a" dove, "in the form of' tongues of fire. He is never what He seems. In what is seen, He is elsewhere. What is visible is always less and inadequate. In Azorean religion and culture, He is also present in the shape of the *Império*, the crown, the sceptre, the staff, the flag, the child and the poor. It is because He has been dressed in silver and flowers, fireworks and dances, *alfenim* and *massa sovada*, meat, bread and wine that the Holy Spirit is known to all Azoreans, while ignored in other places. Pure faith is always inculturated and maybe that is why it can never be pure.

Neither artist nor scientist can talk directly about the Holy Spirit. With modesty, they do it through approximations, symbols, gestures and images. The same is to be said when one talks about Love. It is from this perspective that we should look at the symbolics of the Empire. Fearing not the iconoclasts.

We can find a distant inspiration, of a deeply spiritual and biblical sense, for the construction of the buildings known as *Impérios* in the Book of Ezekiel 48, 30-35, when it tells of the twelve gates of Jerusalem, four on each side. Starting from simple entrances they went on to use doors and windows. The *Império* is never built at ground level, perhaps meaning it´s a place of elevation, source and protection from the "floods" of this world. Stairs are used to communicate. In the same sense, the Book of Apocalypse 21, 10-16, talking of a Messianic Jerusalem, speaks of a "wall great and high, having twelve gates", three on each side, with twelve pillars. The city should be quadrangular and of equal length and width. Were these texts in the minds of Azorean popular architects?

The crown signifies the consecration of a person. Because it is placed on top of the body, it implies the values of the head, but also those above the head; it is as if the head had grown upwards. As a sign of perfection it is circular, without beginning or end; it participates in a celestial nature; it embodies in the crowned one what is below him and above him; it is a promise of immortal life; it signifies dignity, power, royalty, luminosity; it signifies the participation in superior forces; it relates to the horn (through elevation, power and illumination) and the mitre (of bishops and *foliões*[8]).

The crowns of the Holy Spirit, mostly made of wraught silver, though there are also examples in

[7] Communitarian meal
[8] Three or four men forming a group that sings traditional chants throughout the festivities.

silver plate and brass, all have several Paraclitic signs. They come in various sizes. They appear with four *imperiais* (spikes or arms), five and nowadays six, with the rim in relief. On top, an open-winged dove perches on a sphere, symbolising the terrestrial globe. In the iconography of the patron saint of the Azorean cathedral there is an identical globe in the hand of the Saviour of the World, the "only emperor who has, truly, the Globe in his hand" (Fernando Pessoa). On older crowns the dove is replaced by a Latin cross. They can be decorated with flowers made of cambric, normally white but sometimes coloured, an image of the "Holy Spirit, the Joyful".

From the houses of the nobility, who held them in the first place, the crowns passed to the people; they were not the property of an individual, but of an *Irmandade*, whose seat was the *Império*. Besides the *Impérios*, crowns can be seen in scenes from daily life, like in hand-carved stone (Ramo Grande, Terceira) on the façades of houses, and in plates, as a mark of the *Irmandade*, or in the "arroz doce[9]" decorated with cinnamon. The crown has its own throne in the *Império* and in the emperor's home. In the dynamics of the empire of the Spirit, the crown does not bring the pretension of power, but the formidable pleasure of giving, the responsibility to share, the effort of preparing for the others. These seem to be the functions of whoever serves or governs with justice. The *Mordomo* is the one who "serves" the empire of the Spirit in the person of the brothers. One can serve once or twice in a lifetime: once when one is single, with the help of the parents, and once when one is married, with the help of the wife. This is how emperors and empresses are made.

The staff supports the walk of the shepherd, of the pilgrim and of the aged; it is a symbol of authority; it is used to do justice and establish order. Each Professional order has its own staff-bearer and each *Irmandade* has its own staff; it is a sign of defence, guidance, government and sustenance; it is used by the bishop as a symbol of the shepherd of the people who put their trust in him, as well as by pilgrims and walkers; with it "justice is done". In primitive descriptions of the *Coroações*, reference is made to the canes the brothers carried in the processions to accompany the crown. This is also linked to the "miracles" of the Spirit, for the extinction of the Volcanoes' fire, which will end where the staff can be carried by human hand.

The sceptre, as a symbol of sovereignty, power, intellectual, spiritual and social authority, appears in judicial and military life; it is the symbol of legitimate authority. Also in the theatre of passion a staff is put in Jesus' hands, in mockery. During the *Coroação*, even with children, the sceptre seems to be an extension of the arm; the human arm surpasses its limits, goes beyond its own body, just as God "extends to men the power of his arm." In Christian iconography, sovereigns declared saints hold the sceptre as an attribute of their condition, and also the crown, in proximity with halos and *resplendores*. The sceptres used in the popular cult are like a small rod made of the same material as the crown, 35 to 40 centimetres long, and have a dove on the thinnest end. It is usual to attach a bow to them made from a long red or white ribbon.

---

[9] Lit. sweet rice

The flag has the distinctive meaning of belonging and identity. Each organised society has its own insignia, which are usually attached to a cusp, representing a presence. The flag is a symbol of protection, granted or implored for. It deserves alI the respect and affection of whoever identifies with it. The *alferes* or bearer of the flag of the Spirit, holds it above the head, over the shoulder, so that it is higher than the human body. Fluttering in the wind, it is a sign of freedom; it throws out a calI to "things above", to contemplation, creating a bond between high and low. In private houses, the flags mean that a family has the Holy Spirit to adore and glorify (to watch over). In the processions, they indicate that the people, guided and governed by the Spirit, is on the way: the conveying of the crown or the procession of the *Coroação*.

The ritual and symbolics of the *Império* is not an act of mimickery to ridicule anybody or to undermine legitimate powers, despite the social criticism the feasts themselves may contain, which should be welcome. Everything is done with great seriousness without human respect nor shame or false imitations of presumption or provocation, respecting the roles of everyone taking part in the festivities, namely the Church ministers for whom the act of coronation has always been reserved. Such is the imperial tradition in the Azores. Without undue appropriations. With clear properties and leaderships.

The Holy Spirit manifests His approval for the rendered cult as we can see by the innumerous witnesses to and abundant narrations of miracles, inclusively in conventual communities, where the devotees carried out these ritual practices as proof of their faith, under penance of adverse events to the normality of safe and pacific life. The miracles attributed to the Divine Paraclete clearly wish to show that the Holy Spirit wants to be worshipped with the feast of the *Império,* because it includes alms and dinner for the poor.

The community that lives the practice of the cult of the Spirit is an indirect model of social criticism, which can offer society as a whole food for thought and suggestive impulses. The reality of the *Império* of the Holy Spirit is relevant because of what it calls for: the spiritual memory is kept alive as is the function of the Spirit — Paraclete, to remember (to enliven) all that Christ said and taught; the symbolic evocation bound to understand the service in terms of simplicity and innocence; sharing the goods with the poor and the outcasts of society, where poverty is not a synonym of need but of sharing, multiplication and abundance. These feasts proclaim the dignity of all men, above all the children and the poor.

The feasts to the Divine Paraclete make sense as a reaction to the depersonalisation and the uprooting brought by globalisation, as, through them, we witness a movement seeking and defending the deepest cultural and religious roots of our identities. The Spirit present in History and in the World is especially present in the Church. These feasts in the Azores arose in the heart of the Church and are carried out by believers and Christian communities. There is no good ground to state that they are of pagan origin, if not for a pretension to justify a neo-paganism of a secularist character.

The best cultural advantage of these feasts is their transition into life, as in the exercise of justice and power, the child and the innocence, the goodness and the sharing. Thus, the feasts of the Holy Spirit can lead to a process of conversion and change, at an intellectual, moral and religious level, which is not content with surface or appearance, nor with an external cult that neither changes nor sets an example. In their simplicity, these feasts constitute a critical and prophetic resistance to political and economic power and are like a historic reserve of poetic utopian thought.

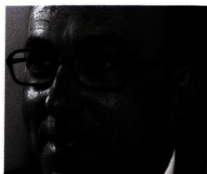
The cult and feasts of the Holy Spirit, as practiced in the Azores, can serve as a moral pedagogy in the perspective of giving and justice. While other displays of a popular nature are closely associated with penance and the individual dimension of the subject, in the cult of the Holy Spirit the promises are not paid for with sacrifices in the temple, or going there, nor in private, but grace and joy are the fruit of what is given, of what is shared and of what is received, thus dreaming of a world of abundance and justice, messianic sign of the Kingdom of God in the presence and sovereignty of the Spirit.

The system of giving underlines the social relations in the community; sin happens when brotherly relations are broken, and grace comes when these relations are promoted and re-enforced. What is important is that abundance and wealth reach everybody, as a sign of blessing, sharing, justice, communion, so there are no poor; it teaches how to receive what you do not have and give what others need; it is of a communitarian nature; it allows a place for mercy. The cult is to celebrate and savour God's wonders, joys, blessings and gifts experienced among the people. Sin is a debt or ingratitude towards God and/or the brothers; forgiveness comes from reconciliation with God and the others, truly and not just through rites.

One can distinguish the practice of the empire of the Holy Spirit from the practices of the powerful of this world. Thus, at an economic level, the practice of the Empire of the Holy Spirit is about giving, communication with the poor and overabundance; while the empire of power is about accumulation and wealth which generates exclusion, debt and scarcity. At a political level, the practice of the Empire of the Holy Spirit is about deacony, equality, true power, while the practice of the empire of the powerful is about domination, division, violence, deceitful power. At a socio-ethical level, the practice of the Empire of the Spirit is about freedom, work, brotherly love, life, the Kingdom of God, of a new man, while the empire of this world expresses itself in paralysing, egotistical terms.

Where the sovereignty of God rules, under the name of *Império*, mercy, and solidarity towards the weak, loving and privileged recovery of the victims take place. A radical approach upsurges in social reality, its inversion, and an unsuspected horizon opens up. Change undergoes through the selection of the strong (empire in a negative sense) being reconverted into solidarity towards the weak (empire of the Spirit). In this logic, what once was dysfunctional — the children, the poor, the sick, the foreigners... — is called upon to occupy places in the forefront — should we say it, to take hold of the Empire and serve it.

The Holy Spirit is "father of the poor and distributor of wealth". The sign of messianic times is the elimination of poverty in the community which opens up to the Spirit and the distribution of the wealth of gifts and goods. The cult of the Holy Spirit reasserts this prophecy. From this cult there are social and communitarian consequences to be drawn, to the point that it has produced, and should produce, fruits in the fields of health and economy, of mission and merciful acts, in gifts, justice, sharing and brotherly living.

Thus men are served and God glorified in the *Império* of the Holy Spirit.

HÉLDER DA FONSECA MENDES

Nasceu em Angra do Heroísmo (1964), completou estudos filosófico-teológicos no Seminário de Angra (1988), a especialização em Teologia Prática pelo Instituto Superior Pastoral de Madrid (1999) e o doutoramento pela Universidade Pontifícia de Salamanca (2004) É pároco e docente de pastoral.

Was born in Angra do Heroísmo (1964), he completed his philosophical-theological studies at the Angra Seminary (1988) and specialised in Practical Theology at the Instituto Superior Pastoral in Madrid (1999) and obtained his PhD at the Universidade Pontifícia in Salamanca (2004) He is the Parish-Priest and pastoral docent.

Altares

Festas do Senhor Espírito Santo – Promessas ao Divino

Mário Cabral, Casa das Tramóias,
Semana Maior, A.D. 2006

Nada se compreenderá das festas ao Divino Espírito-Santo, nas ilhas dos Açores, se não se entrar nas casas particulares sete semanas antes de Pentecostes, ou seja, rigorosamente, a partir do Domingo de Aleluia. Aquilo que se vê nas ruas é uma florescência cultural enraizada em húmus religioso que tem maior verdade e que permanece mais saudável do que o folclore evanescente, com tendência a declinar em cartaz turístico grosseiro.

Refiro-me aos altares, representados neste catálogo por duas fotografias (*Rezar o Terço*; *Empregada das Insígnias*). Num canto da sala maior os fazem os donos da casa bafejados pelos *peloiros – pelouro* já significou, na língua portuguesa, rigorosamente aquilo que quer ainda dizer nas ilhas: é um bilhetinho de bazar, muito bem enrolado, atirado e misturado com tantos outros para dentro do chapéu do mordomo das festas; em cada bilhetinho vai o nome dum ansioso irmão do Império e conforme são retirados se fica a saber quem terá a honra sem par de, no primeiro Domingo, no segundo, no terceiro... no sétimo, receber a Coroa do Divino em sua casa. É para a Coroa que os altares são construídos.

Ter o Divino Espírito-Santo em casa durante uma semana é ver o próprio lar transformado em templo. Todos os dias "se oferece o Terço", isto é, se reza o Rosário, para o qual se convidaram os parentes, os vizinhos, os amigos e as relações sociais de compromisso (patrões, professor dos filhos, padre, etc.). Depois do Terço a mesa está posta para a confraternização. Às vezes há baile. Se pensarmos que em cada freguesia há pelo menos uma Coroa a ser honrada, e que cada família movimenta uma vintena de pessoas, nunca menos, é todo o arquipélago que reza desde o Domingo de Aleluia até ao de Pentecostes. A solenidade deste Rosário é a mais autêntica. Nos Açores, dever-se-ia contabilizar os crentes neste tempo de oração, e não tanto pela assiduidade à missa.

Chora-se quando a Coroa sai de casa, no Domingo a seguir. A casa como que fica vazia. Na verdade, ela deixará de ser tão metonimicamente o altar da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Retiram-se os castiçais emprestados, os solitários onde as flores brancas murcham, que até mesmo as de papel vegetal parece que amareleceram. Tem-se a impressão de acordar dum sonho; há um silêncio de dia seguinte a enterro. Não me parece que desfazer o presépio toque tão no íntimo e creio saber porquê: todos têm um Menino Jesus numa caixa de sapatos guardada na arrecadação ou no sótão; ao invés, a Coroa do Espírito-Santo não é de ninguém e visita toda a gente. Vem de fora e vai para fora... é transcendente.

Fantasia-se muito sobre o suposto paganismo que impregna o culto ao Divino nas ilhas dos Açores. Elabora-se demasiado, a meu ver, sobre a leitura socio-política de sabor revolucionário do culto ao Divino nas ilhas dos Açores. Há sombra do Tentador na leitura que opõe o povo ao poder eclesial à custa do culto ao Divino nas ilhas dos Açores. O povo açoriano não é revolucionário e, que se sai-

ba, não extrapola do culto para uma efectiva transformação social, à imagem do que dizem ser a proposta subjacente ao culto. O atrito que, por vezes, acontece entre o mordomo e o padre é típico de qualquer relacionamento social, não é em nada superior ou significativo... era para já não haver padres, ou mordomos! A propósito: nem Joaquim de Fiore foi alguma vez tido por herege, nem os Franciscanos perseguidos por sincretismo.

Isto acontece porque se avalia a festa com base nos festejos de rua, confundindo a casa com o mundo, o exterior com o interior, a florescência com o enraizamento. Felizmente os turistas não entram para tirar fotografias aos altares, enquanto se reza o Terço; porém, é de lamentar que aqueles que estudam o culto ao Divino bastas vezes não tenham, vamos dizer, a experiência rural e popular necessária à cabal compreensão dos ritos. São quase sempre mentes citadinas e aburguesadas, com formação académica na área positivista das Ciências Humanas, quase sempre avessas às profundezas do Espírito, que desconhecem, num tempo em que a catequese foi trocada por um sincretismo de sabor antropológico, em nada próximo das alturas da fé. Estudam as manifestações populares como estudariam outro fenómeno "natural" qualquer... ou assim o pretendem, orgulhosos desta suposta "objectividade". Acresce o facto de o povo não ter o hábito de se abrir aos estranhos, embora a cordialidade assim o faça parecer. Toma-se, pois, a nuvem por Juno.

O povo açoriano é, no seu íntimo, católico-apostólico-romano. Dá cartas no conhecimento da sua fé e isto vê-se muito bem no preparo dos altares para o "oferecer do Terço". Não se pode insistir nos aspectos subliminares inconscientes quando as presenças conscientes são desta forma explícitas. Não é legítimo sublinhar a leitura como que marxista do Bodo, quando se desconhece os *"Actos dos Apóstolos"* e o restante da Bíblia, ritualizado em cada símbolo. Rezam-se os Mistérios cristãos sem nenhuma revolta ou subentendido, a ladainha a Nossa Senhora... pede-se pelas almas do Purgatório... O povo açoriano continua a ser católico-apostólico-romano e é disto que trata as festas do Espírito-Santo. O resto são curiosidades comparativas de culturas e nada mais.

Porque uma coisa é a cultura, outra a religião; e as religiões não são todas iguais. O Catolicismo é a única que trata do Amor, dum Amor tão grande que leva o próprio Deus a incarnar para redimir Adão (*Mistérios Gozosos*: Segunda-feira e Sábado), que foi criado para amar e esperar a vida eterna (*Mistérios da Luz*: Quinta-feira), e não para sofrer e morrer (*Mistérios Dolorosos*: Terça e Sexta-feira), mas para ser glorificado (*Mistérios Gloriosos*: Quarta-feira e Domingo). Esta é a Narrativa semanal feita de joelhos em frente aos altares da Coroa de prata. Tudo o mais são acidentes culturais, filosoficamente falando; variantes formais duma essência que é a mesma desde antes das ilhas serem descobertas. O povo sabe que o Reino de Deus não é deste mundo, tal como sabe que o deve preparar e mostrar aqui, antes da morte e da ressurreição para o Juízo Final.

A cultura está ao nível do entendimento, já não ao nível espiritual. Esta diferença é muitíssimo importante: ao nível do entendimento o ser humano está no patamar lógico e psicológico, apenas humano, digamos assim; aqui se cruzam as influências que viajam no espaço e são substituídas no tempo – é neste degrau que a sociologia, a antropologia e afins têm direito ao discurso categorial. Mas ao nível espiritual o ser humano não está sozinho e o povo sabe-o bem, declarando-o com a frase: «Com o Senhor Espírito-Santo não se brinca». Os cânticos reflectem esta diferença abissal entre a ciência dos homens e a Sabedoria de Deus, que os Doutores não entendem mas as crian-

ças aceitam com naturalidade e, por isso, são coroadas. O drama para a religião tem sido que, nos últimos séculos, a ignorância dos Doutores tem-se vindo a deteriorar progressivamente, à medida que as Humanidades deixaram de ser o protótipo da excelência do Conhecimento, trocadas pelas engenharias, economias e todas as demais técnicas e metodologias de inspiração materialista, que reduzem a filigrana da Sabedoria a um arrazoado de disparates, apenas porque do sublime ao ridículo vai um só passo, e passo fácil de ser dado – e que há de mais caricatural do que o sublime?

Veja-se dois exemplos destes cânticos, entoados enquanto as crianças são coroadas, no fim da missa (estranhamente, não há uma imagem sequer deste momento de clímax... embora haja duas da *Saída da Coroação* e uma terceira da *Procissão para o Jantar da Função*...):

Vinde, Espírito Paráclito
Nossas almas visitai
Enchei-nos da Vossa Graça
E os corações alentai.

Vós ó Consolador nosso
Sois o dom de Deus Senhor
Sois a fonte de água pura
Fogo vivo, ardente amor.

Sois do Pai o Prometido
E a fortaleza dos santos
Concedei aos fiéis vossos
Os sete dons sacrossantos.

Dai a luz à inteligência
Fortalecei a vontade
Com o Vosso amor sanai
A nossa fragilidade.
Livrai-nos do inimigo
Em vossa paz nos guardai
Para rejeitarmos o mal
Os nossos passos guiai.

Que nós sempre confessemos
Ao Pai e a Cristo Senhor
E a Vós Espírito-Santo
Fonte de todo o amor.

Se este já é notável pela sua ortodoxia (Cf. a terceira quadra: «Sois do Pai o Prometido... etc.»; e a última); o segundo como que o desdobra e especifica:

Vinde, Espírito Divino
Celeste Consolador
E realizai nas almas
As obras do vosso amor.

Vinde, Espírito Divino
Com o dom da Sapiência
Ensinar a distinguir
A Verdade da aparência.

Vinde, Espírito Divino
Com o dom da fortaleza
Fazer crescer nossa fé
Com invisível firmeza.

Vinde, Espírito Divino
Vinde ao meu coração
A mostrar-nos o caminho
Que conduz à salvação.

Dai certeza aos nossos passos
Luz aos nossos pensamentos
Para que sejam conformes
Com os vossos mandamentos.

Para que todos unidos
No fogo da caridade
Sejamos irmãos agora
E por toda a eternidade.

Neste hino não há uma única quadra que não enuncie um princípio específico do Cristianismo mais puro, impossível de ser confundido com seja qual for a outra religião que se queira, muito menos com as religiões primitivas do culto da terra – ou outro qualquer enunciado revolucionário pré-comunista.

Para começar, bem claro se deixa tratar-se duma revolução interior de carácter espiritual («*E realizai nas almas/ As obras do vosso amor*»), que respeita ao discernimento entre a concepção mundana da realidade e a Sabedoria divina, o Espírito-Santo, em Pessoa («*Com o dom da Sapiência/ Ensinar a distinguir/ A Verdade da aparência*»). Não há a menor dúvida sobre o tratar-se dum as-

sunto de Fé («*Com o dom da fortaleza/ Fazer crescer nossa fé/ Com invisível firmeza*») numa vida para além da morte onde, tal como prometeu o Mestre, seremos julgados de acordo com as nossas obras («*Vinde ao meu coração/ A mostrar-nos o caminho/ Que conduz à salvação*»), que devem reger-se pela *Verdade Revelada* («*Luz aos nossos pensamentos/ Para que sejam conformes/ Com os vossos mandamentos*»); só à *Verdade Revelada* se fica a dever a ritualização que da festa é visível («*Sejamos irmãos agora/ E por toda a eternidade*»).

Dá-se que o povo português pode ser humilde e discreto, como aprendeu a ser, e ainda bem, com o cristianismo de pendor franciscano... mas a pobreza franciscana não é sinónimo de idiotia, tal como a pureza não significa ingenuidade. Vem isto a propósito de o povo saber que, no mundo de César, dificilmente se vir a concretizar o Bodo. O povo repete muitas vezes esta lição que lhe vem de longe: «Pobres, sempre os tereis convosco» (Jo 12, 8). *Os Convidados do Imperador* vêm assistir a uma representação do Céu e não da terra. Se assim não fosse, há muito que, nas ilhas, viveríamos uma espécie de teologia da libertação, ou numa espécie de comuna ou ajuntamento anárquico. Contudo, depois da festa, o povo açoriano volta para as suas casas em paz, efectivamente iluminado pelos dons do Espírito-Santo, sem revoltas sociais enganosas e sem nódoa suave que seja de panteísmo.

Fui convidado pela primeira vez este ano a "oferecer o Terço"; precisamente neste mesmo ano em que terminei o Doutoramento (que versa, no fundo, sobre estes assuntos), precisamente neste ano em que me convidam a escrever para este catálogo. Não é a primeira vez que falo sobre as festas maiores da minha terra. Também já deambulei sobre o joaquinismo, sobre os pilares económico-político-jurídicos subjacentes ao Culto. Etc. Quero com isto testemunhar que, ao mais alto nível da crença, se é enredado pela teia elaborada das ideologias do nosso tempo. O Espírito-Santo é mais complexo do que se pode supor. Em nenhum outro ano teria estado à altura de tal honra, que agradeço ao Paráclito, que quer dizer "Advogado de defesa" – *Consolator* é o título que dei à tela que me encomendaram para uma exposição colectiva que pretende variar artisticamente o Divino... este ano, também este ano. É caso para dizer que me saiu um *peloiro*... Tudo altares à Santíssima Trindade, como aqueles que fazia na infância, atrás das portas, onde depositava uma coroa feita com o cartão das caixas de sapatos. Tenho um grande poema sobre este assunto, e vem a propósito citá-lo, para encerrar:

ALTAR AO DIVINO ESPÍRITO-SANTO

Mário Cabral, Casa das Tramóias em restauro, S. João A.D. 2002

Outros coleccionavam carrinhos em miniatura enquanto
Entretanto eu construía altares ao Divino Espírito Santo
Atrás da porta de vão fundo e degrau alto, o quarto chamado cor-de-rosa
Da casa antiga que amei ao ponto de me cair em cima em forma de cruz.
Desde sempre procurei a frescura do sacrário, recordação pré-natal
Ou influência de Elias, é difícil discernir, mesmo para mim próprio.

E, no entanto, toda a minha vida tem sido um afastar-me de mim
Seja qual for o ângulo em que me contemple (este verbo seja desdobrado)
Por dever que tenho sempre e sempre pelo mais ajustado.
Gélidas mãos de corpos invisíveis me guiam com ciência e determinada escolha
Terá sido a Natureza a desejá-lo? Certo é que as vozes — não me canso de repetir
Ouço anos para trás e para a frente, basta-me fechar serenamente os olhos.
Montava a Coroa com fitas de cartão recortadas em caixas de sapatos
E nunca me piquei nos espinhos; os sapatos, sim, eram apertados
Meu Pai esquecido de que eu crescia, mesmo assim, embora por engano.
Bem no meio da cortina do riso das Tramóias, esta sim um duche de picos
Elas intuíam sem grande discernimento que os antepassados me rondavam
Me estavam a vender aos anjos. Vieram ainda em vida a confirmá-lo.
Meu Pai bem que tentou, desesperado, tentou entusiasmar-me pelos carrinhos
Em miniatura: uma carrinha branca que abria as portas, um jipe azul,
Uma fragoneta que veio da América, uma cópia exemplar de um baleeiro
Que o rapaz deixava afundar-se no tanque, este rapaz parece tolo, não é que
Atirou o anel de oiro para o fundo do talhão? Era para ver o refulgir da luz
Pelas águas cada vez mais fundas e mais negras e mais alma...
Subtilmente ia sendo raptado pelas presenças inefáveis, como se pode ver,
Foram-me levando cada vez para mais longe da evolução do meu corpo
Mas este corpo, por ironia, foi o mais perfeito de todos entre seus pares
Muitíssimo superior aos daqueles que coleccionavam carrinhos em miniatura.
Um dia, jovem Adónis, despi-me por completo sobre uma falésia altíssima e declarei:
— Os anjos roubaram o meu corpo. Preciso do meu corpo para amar as mulheres
Invejo o corpo dos homens para este efeito. Mas nunca é a mesma coisa
Sombra que baralha Eros, o primeiro entre os deuses imortais. Bendito
Oh bendito pela coragem o corpo que me roubar a Deus... será fulminado!
Anjos, dêem-me de volta o meu corpo roubado em tão tenra idade
Repito e torno a repetir. Mas Deus é ciumento e possessivo
Naquele em que toca jamais alguém pode tocar e eu se toco incendeio e se me tocam
Desprezo por uma lei que me parece pertencer à primeira casa do Desejo.
Desde então adivinho o futuro sem o saber no acto
Prova-o o altar real que mandei levantar ao Paráclito
Sete são os degraus dele, um por cada membro decepado.
Bem vistas as coisas, porém, não sei se quero o meu corpo
Pois a minha cabeça atira-se para trás como a dos reis míticos
E à minha passagem todo o mortal pressente a eternidade.
E assim vou vivendo ao ritmo das mortes familiares, cada um destes ciclos
Tem o nome do cão que reina no intervalo, não preciso de relógios, eu,
Que os colecciono, vitória de meu Pai, sobre os brinquedos e os anéis.
Pouco a pouco fui aprendendo a baptizá-los à proporção:
Árgus, o cão de Ulisses, Kronos, por causa do fascínio relojoeiro,

Excalibur (Parsi-fal, Parsi-fal), Anubis, por fim...
E um dos maiores (Azorka, «estrelinha», em *Humilhados e Ofendidos*)
Atreveu-se a dormir comigo na cama da infância o dogue
Deita a enorme cabeça sobre o meu coração e nunca baixa as orelhas
Proibindo usurpações. Olho para S. Francisco, sobre a cómoda restaurada de minha avó
Senhor, eu não sou digno, que entreis em minha morada. E adormeço.
Antes de adormecer choro de mansinho, no escuro. Andei tanto, ó Paráclito
E para quê, se tenho a mesma altura e a porta permanece ainda a mesma?
À laia de conclusão deixem-me confessar que procurei por toda a parte as tentativas
As frustradas tentativas do meu saudoso meu Pai
Atrás dos guarda-fatos embutidos, nas falsas por debaixo das escadas,
Nos alçapões do sótão trancados com teias multisseculares...
Uma camioneta azul, uma carrinha branca, uma fragoneta que veio da América
Um baleeiro copiado ao pormenor... despejei a água do talhão mas não vi nenhum anel.
Mas parte de mim é tua, papá, e o resto foi sem que me desse conta, foi sem querer!
A Paz. Conheço esta brisa suave, Elias, e a multidão invisível que não me larga
Insiste em recordar-me algo que tenho de fazer relacionado com antes de ter nascido.
Já lhes disse vezes sem conta: sou o único herdeiro e a casa deve ser restaurada.
Eles, então: Levanta, então, os muros mesmo aqui.
Um dia, estou certo, as raízes das árvores do meu jardim encontrarão a folhagem
E pelo meio eu serei a seiva, o anel de rubi reencontrado.

ALTARS

CELEBRATIONS IN HONOUR OF OUR LORD THE HOLY GHOST – PROMISSES TO THE DEVINE

Mário Cabral, Casa das Tramóias,
Holy Week, A.D. 2006

Nothing will be understood of the celebrations in honour of the Divine Holy Ghost in the Azores islands if one doesn't go into the local private homes seven weeks before Pentecost, in other words, beginning exactly on Halleluiah Sunday. What one sees on the streets is a cultural blooming, rooted in religious humus, which is truer and sounder than evanescent folklore with its tendency to wane into crude tourist programmes.

I am referring to the altars represented in this catalogue in two photographs (*Telling Beads; Placing the insignia).* The owners of the homes have them built in one of the corners of the main sitting room where they are favoured by the *peloiros – pelouro* in Portuguese once meant exactly what it still presently means on the islands: a small rolled-up paper note used in festival bazaars which is mixed with many others and thrown into the celebration steward's hat. The name of an anxious brother of the Empire is written on each note, and with their removal from the hat, the names reveal the identity of those who will have the unequalled honour of receiving the Crown of the Divine in their homes on the first, second, third...seventh Sunday. It is for the purpose of receiving the Crown that the altars are built.

Having the Divine Holy Ghost in our houses for a week is seeing our own home transformed into a temple. The "*Terço* is offered" every day, which means that the Beads are Told every day. For these occasions, family members, friends and other social relations such as employers, children's teachers, the priest, etc. are invited. After the Telling of the Beads, the table is set for fraternizing. Sometimes there is a ball. If we stop to think that there is at least one Crown being honoured in every parish, and that every family mobilizes never less than twenty people, than we can safely state that the whole archipelago is praying from Halleluiah Sunday to Pentecost Sunday. The solemnity of this Rosary is the most authentic. In the Azores, the people of faith should be accounted for at this time of prayer and not by how frequently they go to mass.

There is crying when the Crown leaves the family home on the following Sunday. The house seems empty with its departure. In realty, it will cease to be the metonymic altar of the Third Person of the Holy Trinity. The borrowed candlesticks are removed, along with the vases where white flowers have withered. Even those made of paper seem to have yellowed. There is the sense of having awakened form a dream; in the air is the silence of the day after a burial. I don't think taking down a Christmas nativity scene touches us so deeply, and I believe I know why: everyone has a baby Jesus in a shoebox put away somewhere in a closet or in the loft, whereas the Crown of the Holy Ghost doesn't belong to anyone and visits everyone. It comes from outside and there it returns... it is transcendental.

There are many conjectures about the supposed paganism that imbues the cult of the Divine on the Azores islands. In my opinion, too much has been elaborated in what concerns the revolutionary tinted socio-political understanding of the cult of the Divine on the islands. The shadow of the Tempter marks the discussion that sets the people against ecclesiastical power at the expense of the cult of the Divine in the Azores. The Azorean people are not revolutionaries, and that we know of, they don't use their cult as a means of obtaining effective social transformation, as is said to be the subjacent proposal of the cult. The friction that sometimes occurs between the celebration steward and the priest is typical of any social relationship, and in no way superior or more significant...the best thing would be not to have stewards or priests. On this subject, not even Joachim of Fiore was ever seen as a heretic, nor were the Franciscans persecuted for syncretism.

This happens because the whole celebration is assessed based on the celebrations in the street, mistaking the house for the world, the exterior for the interior, blooming with rooting. Fortunately, there are no tourists in the photographs of the altars during the Telling of the Beads; nevertheless, it is unfortunate that those that study the cult of the Divine don't usually have, shall we say, the rural and popular experience necessary for the complete understanding of the rites. They are almost always urban and bourgeoisie minds with academic training in the positivist area of Human Sciences, an area of knowledge and understanding almost always adverse to the profoundness of the Spirit which they know little of. This, in a time when catechism has taken second place to a syncretism with anthropological characteristics, ideologically very distant from the eminence of faith. They study the popular manifestations as they would any other "natural" phenomenon ... or so they would like to, proud of this supposed "objective" approach. There is, adding to all this, the fact that the people are not in the habit of opening up to strangers, although their cordiality would sometimes demonstrate otherwise. The cloud is therefore taken for Juno.

The Azorean people are, in their innermost selves, Apostolic Roman Catholics. They pride themselves in the knowledge they have of their faith, and this is very visible in the manner in which they prepare their altars for the "offering of the *Terço*." One cannot insist on the unconscious subliminal aspects when the conscious presences are so explicit. It is illegitimate to highlight the near-Marxist interpretation of the offerings to the poor when the *Acts of the Apostles* and the rest of the Bible ritualized in each symbol are unknown. The Christian Mysteries are prayed to without any revolt or misunderstanding, the litany in honour of Our Lady...the spirits of the Purgatory are summoned upon... The Azorean people continue to be Apostolic Roman Catholics and that is what the Holly Ghost celebrations are all about. The rest are simply comparative curiosities among cultures and nothing else.

Because one thing is culture and another is religion, and not all religions are alike. Catholicism is the only religion that talks about Love, a Love so great that it leads God into incarnation to redeem Adam (*Joyous Mystery*: Monday and Saturday) who was created to love and to await for eternal life (*Mystery of Light*: Thursday) and not to suffer and die (*Painful Mystery:* Tuesday and Friday), but to be glorified (*Glorious Mystery*: Wednesday and Sunday). This is the weekly Narrative fulfilled kneeling at the altars of the silver Crown. All the rest are cultural incidents, philosophically speaking; formal variations of an essence that has been the same since before the discovery of the islands. The people know that the reign of God is not of this world, as they know that they should prepare and show it here, before death and the resurrection for the Last Judgement.

Culture is on the level of understanding and no longer at spiritual level. This is a very significant difference: in terms of understanding, humans are on a level of logic and psychology, which we can describe as only human; this is the crossroad of the influences that travel in space and that are substituted in time – it is on this level that sociology, anthropology and similar matters are entitled to categorical discourse. But on a spiritual level, the human being is not alone, and the people know it well, demonstrating this knowledge with phrases such as: "One shouldn't joke with Our Lord the Holy Ghost". The chants reflect the abyssal difference between the science of Man and the Knowledge of God - that Doctors do not understand but that children accept naturally and are therefore crowned. The drama of religion has been that, in the last centuries, the level of Doctors' knowledge has been progressively deteriorating at the same time that the Humanities have ceased to be the prototype of the excellence of Knowledge, outdone by engineering, economy and all other technical matters and methodologies of materialistic inspiration that reduce the filigree of Knowledge to a handful of gibberish just because the sublime is only a step away from the ridiculous, and an easy step to take at that – and what is more caricaturable than the sublime?

Let us take a look at two example of these chants, sung while children are crowned and the end of mass (strangely, there is not even one image of this moment of climax ... although there are two of *The departure of the Coronation* and a third of the *Procession to the function dinner...*):

Come, Paraclete Spirit
Our souls come and visit
Fill us with Thy Grace
And the hearts rouse.

Thou, our Consoler
Thou art the endowment of Our Lord
Thou art the fountain of pure water
Live fire, burning love.

Thou art the Promised of the Father
And the fortress of the angels
Grant to thy faithful
The seven sacrosanct endowments.

Give intelligence the light
Fortify will
With Thy love cure
Our fragility.

Rid us of the enemy
In Thy peace guard us
For us to reject evil
Our steps do guide.
We always confess

To Father and Christ Our Lord
And to Thee Holy Ghost
Fountain of all love.

If this chant is worthy of notice because of its orthodoxy (Cf. the third stanza: «*Thou art the Promised of the Father... etc.*»; and the last stanza); the second chant unfolds and elaborates on it and goes into detail:

Come, Divine Spirit
Celestial Consoler
And fulfil in the souls
The undertakings of your love.

Come, Divine Spirit
With the endowment of Knowledge
Teach us to distinguish
Truth from appearance.

Come, Divine Spirit
With the endowment of strength
Help grow our faith
With invisible firmness.

Come, Divine Spirit
Come to my heart
To show us the way
That leads to salvation.

Give certainty to our steps
Enlighten our thoughts
So that they may be in agreement
With your commandments.

So that all united
In the heat of charity
We can be brothers now
And throughout all eternity.

This hymn does not contain one single stanza that doesn't enunciate a specific principle of the purest Christianity, impossible of being confused with any other religion, whichever it may be, much less with primitive religions honouring the cult of the earth – or any other pre-communist revolutionary statement.

To begin, it is clear that what is at hand is an interior revolution with spiritual characteristics («*And fulfil in the souls/ The undertakings of your love.*») regarding the discernment between the mundane conception of reality and divine Knowledge, the Holly Spirit in Person («*With the endowment of Knowledge/ Teach us to distinguish/ Truth from appearance.*»). There is no doubt that the issue here is a matter of Faith («*With the endowment of strength/ Help grow our faith/ With invisible firmness.*») in a life after death where, just as the Master promised, we will be judged according to our undertakings («*Come to my heart/ To show us the way/ That leads to salvation.*») which should conduct themselves according to the Revealed Truth («*Enlighten our thoughts/ So that they may be*

in agreement/ With your commandments.»); ritualization is owed only to the Revealed Truth, which is visible in the celebration (*«We can be brothers now/ And throughout all eternity.»)*

It is a fact that the Portuguese people can be humble and discrete, as they learned to be, and very well, with Christianity of Franciscan influence... but Franciscan poverty is no synonym for idiocy, the same way that purity does not mean simple-mindedness. As a matter of fact, people know that, in Caesar's world, offerings to the poor are almost impossible to occur. The people repeat time and time again this lesson that has been handed down over the ages: "The poor will always be with you" (Job 12, 8). *The Guests of the Emperor* come to attend a representation of Heaven not of earth. If this wasn't so, the islands would long ago have lived under a type of theology of liberation or would have partaken in a kind of commune or anarchic gathering. Nevertheless, after the celebration, the Azorean people return to their homes in peace, truly illuminated by the endowment of the Holy Ghost without deceiving social revolt and without a trace of pantheism.

I was invited this year, for the first time, to "offer the *Terço*"; precisely the same year in which I finished my Doctorate degree (which, in the end, concerns itself with this subject), precisely the same year in which I was invited to write in this catalogue. This is not the first time I talk about the main celebrations of my hometown. I have also touched upon Joachinism, upon the economical, political and legal pillars subjacent to the Cult, etc. What I wish to state with this is that we are enveloped by the elaborate web of the ideas of our time at the highest level of faith. The Holy Ghost is more complex than one would ever imagine. In no other year would I have felt at ease with such an honour, for which I thank Paraclete, which means "defence Council" – *Consolator* is the title I gave to the painting which I was commissioned to do for the collective exhibition which intends to refer to the Divine through various artistic means...this year, also this year. All altars to the Holy Trinity, just as those I built in my childhood, behind doors, where I would lay down a wreath made from the cardboard of shoe boxes. I have a large poem on this subject which I find suitable as a closing:

ALTAR IN HONOUR OF THE HOLY GHOST

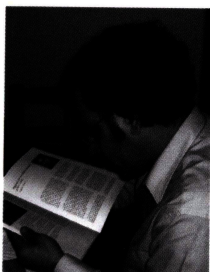
Mário Cabral, Casa das Tramóias undergoing renovation, Saint John A.D. 2002

Others collected miniature cars
Meanwhile I built altars in honour of the Divine Holy Ghost
Behind the door with to a large opening and a steep step, the room called pink
Belonging to the old house that I loved to the point of it collapsing on me in the form of a cross.
From the beginning I have sought the coolness of the sacrarium, a pre-natal memory
Or Elias' influences, it's difficult to discern, even for myself.
And, nevertheless, all my life has been a withdrawal from myself
Whatever the angle I look at myself from
For an obligation I always have and always towards the most adjusted.
Gelid hands belonging to invisible bodies guide me with science and determined choice
Was it Nature's desire? What is certain is that voices - I do not tire of repeating
I hear years back and ahead, the only thing I need to do is serenely close my eyes.

I would mount the Crown with cardboard ribbons cut from shoeboxes
And I never pricked myself on the thorns; the shoes, yes, they were tight
My father, forgetful that I was growing, even so, although by mistake.
Right in the middle of the shower of laughter of the Tramóias, this surely a shower of thorns
They intuitively stated without much discernment that the ancestors watched over me
That they were selling me to the angels. They came to confirm this still during their lives.
My father truly tried, desperate, tried to enthuse me in cars
In miniature cars: a white estate which opened its doors, a blue off-road vehicle
A wagon that came from America, a commendable reproduction of a whaling ship
Which the boy let sink in the tank, this boy seems foolish, would you believe he
Threw the gold ring to the bottom of the water pot? It was to see the glittering of the light
Through the waters ever so deep and dark and soul...
Subtly he would be kidnapped by ineffable presences, as one can see,
They took me ever further from the evolution of my body
But this body, ironically, was the most perfect of all among its peers
Much superior to those belonging to the collectors of miniature cars.
One day, young Adonis, I unrobed completely on a high cliff top and exclaimed:
- The angels stole my body. I need my body to love women with
I envy the body of men for this purpose. But it is never the same thing
The shadow that confuses Eros, the first among the mortal gods. Blessed
Blessed for its courage the body that steals me from God ... it will be struck down!
Angels, give me back my body stolen from me at such a tender age
I repeat over and over again. But God is jealous and possessive

> No one can ever again touch upon those which he touches and if I touch I catch fire and if I am touched

Disdain for a law which seems to me to belong to the first house of Desire.
Ever since, I have been able to foresee the future without knowing I am able to at the time
Proof of this is the real altar I commissioned to be built in honour of Paraclete
Seven are its steps, one for each severed limb.
All things considered though, I don't know if I want my body
Because my head throws itself back as did those of the mythical kings
And as I pass, every mortal senses eternity.
And this is how I go on living to the rhythm of family deaths, each one of these cycles
Is named after the dog that reigns during the interval, I don't need watches, I,
Who collect them, my Father's victory, over the toys and the rings.
Little by little I learned to baptise them in proportion:
Argus, Ulysses' dog, Kronos, on account of the fascination with watches
Excalibur (Parsi-fal, Parsi-fal), Anibus, finally...
And one of the largest (Azorka, «little star», in *The Insulted and Injured)*
Dared to sleep with me in the childhood bed the bulldog
Lays his enormous head on my heart and never lowers his ears
Prohibiting usurpations. I look at Saint Francis, on my grandmother's restored chest of drawers

Lord, I am not worthy of you entering my home. And I fall asleep.
Before falling asleep I cry softly in the dark. I have come such a long way, oh Paraclete
And for what, if I am still the same height and the door is still the same?
As a sort of conclusion, let me confess that I searched high and low for the attempts
My loving Father's frustrated attempts
Behind the built-in wardrobes, in the opening behind the stairs,
In the loft's hatch doors locked with centuries old spider webs...
A blue lorry, a white estate, a wagon that came from America
A whaling ship copied to the last detail...I poured out the water from the water pot but I saw no ring.
But part of me is yours, daddy, and the rest went without me knowing, without me wanting!
The Peace. I know this delicate breeze, Elias, and the invisible crowd that doesn't leave me alone
It insists in reminding me I have something to do related to before I was born.
I have told it time and again: I am the only heir and the house needs to be renovated.
They, then: Then build the walls right here.
One day, I am certain, the roots of the trees in my garden will find the foliage
And in the middle of this I will be the sap, the rubi ring again found.

Mário Cabral

Natural da ilha Terceira, Açores (1963), é Doutor em Filosofia pela Universidade de Lisboa (2006). *O Acidente* (Romance, Porto: Campo das Letras, 2005) é o seu último livro publicado. Está traduzido para castelhano e para Inglês. Também é pintor, tendo a sua última exposição de desenhos acontecido em 2005. Neste mesmo ano entrou para a *Ordem Franciscana Secular*, fraternidade de Angra.

Born on Terceira Island, Azores (1963), he has a Doctorate Degree from the University of Lisbon (2006). *The Accident* (Novel, Porto: Campo de Letras, 2005) is his latest publication. It is translated into Spanish and English. He is also a painter. His last exhibition of drawings took place in 2005. In that same year, he entered the *Franciscan Secular Order*, brotherhood of Angra.

27 fotografias de José Guedes da Silva, seleccionadas pelo autor, de um conjunto de 100 imagens, que constituem a exposição/colecção "Festas do Senhor Espírito Santo – Promessas ao Divino", um trabalho de fotografia documental de autor do fenómeno cultural popular do Culto ao Divino Espírito Santo, realizado na freguesia da Vila Nova, Praia da Vitória, ilha Terceira, Açores, em 1995 e 1996, e adquiridas pela Direcção Regional da Cultura em Dezembro de 2005.

27 photographs taken by José Guedes da Silva, selected by the photographer from a set of 100 images, which make up the exhibition/collection "Feasts of the Divine Holy Spirit – Promises to the Divine". It is a photographic documentary of the popular cultural phenomenon of the Cult of the Divine Holy Spirit held in the borough of Vila Nova, Praia de Vitória, Terceira, The Azores in 1995 and 1996 and acquired by the Regional Board of Culture in December 2005.

Emanuel Felix

Do mesmo que outras celebrações religiosas, também o culto do Espírito Santo e a Festa dos Imperadores, que acompanharam, com os primeiros povoadores, o progresso da fixação franciscana nos Açores, trouxeram consigo um vasto conjunto de elementos estéticos e culturais fortemente expressivos. Com efeito, o renascimento dos impérios, que, tal como as antigas confrarias (ou irmandades) do Norte da Europa, dispunham das suas *maisons du Saint Espirit* e de um celeiro ou despensa para guardar as oferendas do pão, do vinho e de outros alimentos rituais, parece ter vindo inscrever sobre uma nova face da terra, juntamente com a esperança e a imaginação dos homens, o sucesso de uma crença também ela renovada até na simbólica com que traduz as epifanias maiores das narrativas evangélicas. A Pomba (signo do ar), a água do Baptismo, o fogo pentecostal e a terra (da descida taumatúrgica implícita nestas manifestações) são os *quatro elementos* que tornam o significado teológico do Paracleto (cujos dons se prolongam, de resto, temporalmente) quase contrário ao de uma entidade inequivocamente etérea e distante dos homens.

Um apreciável número de estudos antropológicos reúne já importantes referências estéticas aos rituais, à simbólica do império e aos respectivos cerimoniais de corte que têm lugar no Arquipélago por ocasião da Coroação dos Imperadores, nos domingos do Pentecostes e da Trindade. São festividades em que além de outras formas de valores culturais não visíveis, como a reciprocidade, a solidariedade e o gosto da partilha, são investidos tempo, consideráveis recursos materiais e uma grande criatividade no domínio da arte efémera. Há, com efeito, uma estética do relacionamento entre o efémero e a experiência religiosa. Uma estética da hospitalidade e da repartição dos alimentos rituais. Uma estética dos cortejos processionais da castidade. Uma estética da grandiosa teatralidade do Imperador, que recebe o favor divino e o retribui em dádivas à comunidade.

Mais elequente, porém, do que muitas palavras será sem dúvida, a série de cem valiosas fotografias que integram esta exposição de José Guedes da Silva. Valiosas tanto pela altíssima qualidade técnica da sua escrita como pela admirável verdade dos instantes que sustêm. Valiosas até pelo seu evidente interesse antropológico, embora se compreenda não haver sido este propósito deliberado do autor. Porque o que acontece é, na verdade, uma outra coisa, que tem a ver com a emanente *sageza* dos artistas. Isento de caricatos revivalismos, não ignorando, por certo, que os fenómenos de carácter sócio-económico se prendem com os de natureza sócio-cultural, o artista sabe que os tempos mudam, que a sociedade muda e que este processo dialético pode tornar temporal e espacialmente inevitável a mudanças de numerosos sinais exteriores de um cultu, sem nada modificar todavia do que lhe é verdadeiramente intrínseco. O que comprova como José Guedes da Silva, quer por instinto criativo quer por cultura adquirida, está na posse dos elementos de conhecimento profundo sem os quais não haveria grandes artistas.

Emanuel Felix

As with other religious celebrations, the cult of the Holy Spirit and the Feast of Emperors, which accompanied the arrival of the Franciscan order and the first settlers in the Azores, brought with them a wide range of strongly expressive cultural and aesthetic elements. In effect, the renaissance of the empires, like the old brotherhoods of Northern Europe, were arranged in *maisons du Saint Espirit* with a barn or store room to keep the offerings of bread, wine and other ritual foodstuffs. This seems to have brought to a new part of the earth, along with the hope and imagination of men, the success of a belief which itself had been renewed in the symbolism of the greatest epiphanies of evangelical narrative. The Dove (sign of the Air, the Baptismal water, the Pentecostal fire and earth (of thaumaturgical descent implicit in its manifestations) are the *four elements* which make the theological significance of Paraclete almost contrary to that of an unequivocally ethereal entity which is distant from men.

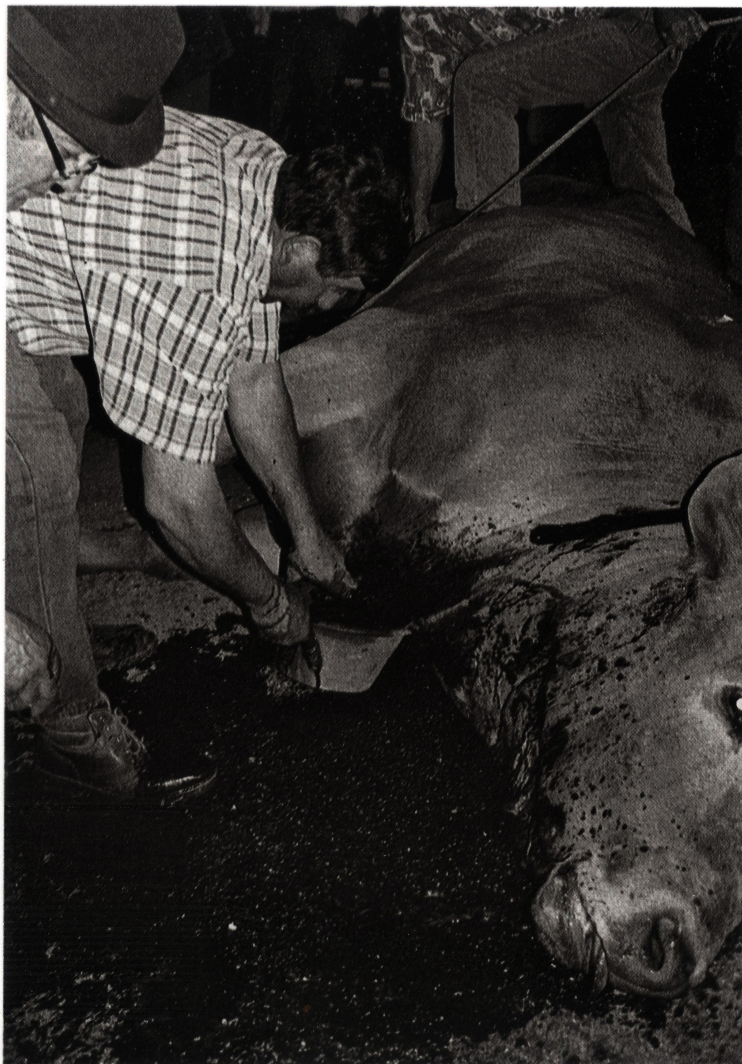
An appreciable number of anthropological studies refer to important aesthetic references to rituals, the symbolism of the empire and the respective court ceremonies which take place on the Archipelago on the occasion of the Coronation of Emperors, on Pentacostal and Trinity Sundays. They are festivities in which time, considerable material resources and a great creativity in the domain of ephemeral are invested, besides non-visible cultural values such as reciprocity, solidarity and a willingness to share. There is, in effect, a relationship of an aesthetic between the ephemeral and the religious experience. An aesthetic of hospitality and the sharing of ritual foodstuffs. An aesthetic of processions of chastity. An aesthetic of Emperor's grandiose theatricality, who receives the divine favour and redistributes it as gifts to the community.

More eloquent, however, than many words are without a doubt a series of one hundred invaluable photographs which make up this exhibition of José Guedes da Silva. Invaluable as much for the high technical quality of his writing as for the admirable truth of the instants they capture. Invaluable also for their evident anthropological interest, although it must be understood that this was not the deliberate intention of the artist. Because what happens is, in fact, something else, which has to do with the eminent *wisdom* of artists. Lacking ridiculous revivalism, while not ignoring that phenomena of a socio-economic nature are tied in with the socio-cultural nature, the artist knows that times change, that society changes and that this dialectic process can become temporally and spatially inevitable in the changes of the numerous external signs to the cult, without modifying, however, that which is truly intrinsic. What is proved with José Guedes da Silva is that, whether through creative instinct or acquired cultural awareness, he possesses the elements of profound knowledge without which there wouldn't be great artists.

Rezar o terço | Telling beads

O bezerro enfeitado | The adorned calf

Cantar ao *Imperador* | Singing to the *Emperor*

A benção do bezerro com o ceptro | The blessing of the calf with the scepter

Sangrar o bezerro | Bleeding the calf

Carne a enxugar | Meat drying

Recolha do pão dos *Irmãos* | Collecting the bread from the *Brothers*

Chegada do pão à *despensa* | The arrival of bread at the *storeroom*

Empregada das *insígnias* | Placing the *insignia*

Transportar a *paz* da coroa | Transporting the *peace* of the crown

Levantar a Deus | *Raising* to God

Saída da *coroação* | The departure of the *coronation*

Saída da *coroação* | The departure of the *coronation*

Entregar as *esmolas da mesa* | Delivering the *table alms*

Benção do pão na *despensa* | Blessing the bread in the *storeroom*

Da *despensa* para o açafate | From the *storeroom* to the *bread basket*

Distribuição do pão | Distribution of the bread

Preparação das sopas | Preparation of the soups

Mear a sopa | *Mear* the soup

Os convidados do *Imperador* | The *Emperor's* guests

Distribuir as sopas | Distributing the soups

Distribuir o vinho na praça | Distributing the wine in the square

Convívio na praça | Socializing in the square

Pagamento de promessa | Fulfilling a promise

Promessa ao Divino | Promise to the Divine

A sorte do *piloiro* | The drawing of the *piloiro*

José Guedes da Silva

Nasceu no Porto em 1955 e viveu nos Açores entre 1959 e 1970, aonde regressou em 1982. Reside em Angra do Heroísmo.
Iniciou a sua carreira em Lisboa em 1975 como fotógrafo de teatro e fotojornalista e trabalhou com o banda-desenhista José Garcês no programa de Vasco Granja "Cinema de Animação", da Rádio Televisão Portuguesa.
Publicou trabalhos em jornais, catálogos, revistas e livros nacionais e estrangeiros. Expôs nos Açores, Lisboa, Canadá, Estados Unidos e Canárias, tendo participado em mostras individuais e colectivas, de que se destacam as individuais "A Luz e o Silêncio-Impressões Sobre Prata", "Festas do Senhor Espírito Santo-Promessas ao Divino" e "A Ligação da Fé", bem como a colectiva "Miradas Atlânticas" no decurso da bienal internacional Fotonoviembre-2005, em Santa Cruz de Tenerife. Tem trabalhos em colecções oficiais e particulares, em Portugal e no estrangeiro. Publicou os livros: " Pedras da Maia "; "Açores, Pelo Sinal do Espírito Santo "; "O Sul de Nossa Senhora da Boa Morte "; "Basalto Azul "; "Cores da Terra", "O Barreiro da Faneca" e "Os Caminhos de Santa Barbara".
Tem leccionado fotografia em cursos técnico-profissionais e em acções de formação. Frequentou o *Institut Royal du Patrimoine Artistique*, em Bruxelas, tendo estudado Radiografia e Reflectografia por Infravermelhos como meios de diagnóstico de obras de Arte. A Fotografia e Radiografia de obras de Arte tem sido o fulcro da sua actividade profissional.

Was born in Porto in 1955 and lived in the Azores between 1959 and 1970, where he returned in 1982. He lives in Angra do Heroísmo.
He started his career in Lisbon in 1975 as a theatre photographer and photojournalist and worked with the cartoonist José Garcês on Vasco Granja's programme "Cinema de Animação" for Rádio Televisão Portuguesa.
He has published work in newspapers, catalogues, magazines and in books both at home and abroad. He has exhibited in the Açores, Lisbon, Canada, the United States and the Canaries in individual and collective shows. Worth mentioning are the individual shows of "A Luz e o Silêncio-Impressões Sobre Prata" and "Festas do Senhor Espírito Santo-Promessas ao Divino" and "A Ligação da Fé" as well as the collective show "Miradas Atlânticas" as part of the international biennial Fotonoviembre-2005, in Santa Cruz de Tenerife. He has works in private and official collections in Portugal and abroad. He has published the books: "Pedras da Maia"; "Açores, Pelo Sinal do Espírito Santo"; "O Sul de Nossa Senhora da Boa Morte"; "Basalto Azul"; "Cores da Terra"; "O Barreiro da Faneca" and "Os Caminhos de Santa Barbara".
He has taught photography on technical-professional course and training programmes. He attended the Institut Royal du Patrimoine Artistique, in Brussels, studying Infra-red Reflectography and Radiography as diagnostic means in works of Art. The photography and Radiography of works of art has been the fulcrum of his professional career.